

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



Parentalidade e Sentido de Família em Famílias Adotivas

- Uma Análise de Narrativas -

Marta Sofia Carapeto Pereira dos Santos Costa

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica

2012

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



Parentalidade e Sentido de Família em Famílias Adotivas

- Uma Análise de Narrativas -

Marta Sofia Carapeto Pereira dos Santos Costa

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso Davide

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica

2012

Agradecimentos

Às famílias adotivas que proporcionaram a realização deste estudo, pela disponibilidade e por todas as experiências e narrativas compartilhadas.

À Professora Doutora Isabel Narciso, pelo desafio colocado que me permitiu abrir esta nova porta. Por toda a atenção, carinho e disponibilidade. Por tudo o que me ensinou, sempre com gosto e boa disposição.

Aos meus pais, por todo o apoio que me deram. Pelas horas que me cederam, substituindo-me no meu local de trabalho sempre que precisei de ficar de volta do computador. Por tudo o que me deram, ao longo da minha vida, e que faz de mim quem sou hoje.

Resumo

As famílias adoptivas, enquanto sistema familiar, apresentam algumas especificidades inerentes à extensão do conceito de família para além dos limites biológicos e genéticos, especificidades que precisam ser compreendidas, assumidas e integradas, refletindo-se diretamente nas tarefas relacionadas com a construção do “Sentido de Família”. A presente investigação pretende identificar e compreender quais os fatores, reconhecidos pelas famílias adoptivas, que influenciam tanto o nascimento e desenvolvimento do “Sentido de Família” como a transição para a parentalidade, comparando famílias singulares com casais, e famílias com fratrias adoptivas, com fratrias mistas e com filhos únicos. O estudo exploratório foi realizado com uma amostra constituída por 14 famílias adoptivas, 10 casais adoptantes e 4 adoptantes singulares, 9 com filhos únicos, 3 com fratrias mistas e 2 com fratrias adoptivas. Tendo como base no paradigma construcionista, recorreu-se a uma metodologia qualitativa, aplicando-se uma entrevista semiestruturada, com posterior análise de conteúdo através do *software QSR NVivo 8*. Os resultados obtidos revelam que a maioria dos pais adoptivos considera que os seus filhos se adaptaram facilmente à nova família e apontam como factores determinantes para o sentido de família a noção de pertença e partilha, o estabelecimento de rituais e rotinas, a coesão familiar, a imagem da família e a perceção de expansão familiar no tempo. Embora as diferenças observadas entre casais e singulares não sejam significativas, o mesmo não acontece para famílias com fratrias adoptivas, fratrias mistas e filhos únicos, pelo que o número de filhos e sua origem parecem levar os pais a adoptar dinâmicas familiares diferentes.

Palavras-Chave:

Adoção, famílias adotivas, sentido de família, transição para a parentalidade, ciclo de vida familiar.

Abstract

The adoptive family, seen as a system, has specific characteristics, since we're referring to a concept of family beyond the limits of biology and genetics. These characteristics need to be understood and incorporated, as they have a direct influence on the tasks needed to build the collective "Feeling of being a Family". The main purpose of the present study is to identify and understand which factors these families identify as the most influents on the birth and development of the "Feeling of being a Family" and on the transition to parenthood, comparing couples against single parents, and families with more than one child (adoptive and mixed phratries) against families with an only child. This exploratory study was developed with a sample of 14 adoptive families, of which 10 are couples and 4 single parents, 9 have an only child, 3 have mixed phratries and 2 have adoptive phratries. Built on a constructive paradigm, a qualitative method was chosen and a semi-structured interview was conducted, with posterior analyses of data through *QSR NVivo 8* software. The results show that most adoptive parents refer belonging and sharing, creating rituals, family cohesion, family image and perception of being a family now and in the future, as factors that help create the "Feeling of being a Family". Though the differences between couples and single parents are not relevant, the same doesn't happen with differences between families with an only child and families with more children, indicating that the number of children may lead adoptive parents to develop different family dynamics.

Key-Words:

Adoption, adoptive families, feeling of being a family, transition to parenthood, family life cycle.

.

Índice

Parentalidade e Sentido de Família em Famílias Adotivas	1
1. Enquadramento Teórico	3
1.1. Compreendendo a Adoção.....	3
1.2. Parentalidade Adotiva.....	4
1.3. A Transição para a Parentalidade Adotiva.	7
1.4. Parentalidade Psicológica.	10
1.5. Filiação Psicológica.	11
1.6. Sentido de Família: Desafios, Stress e Fatores de Equilíbrio.....	12
2. Processo Metodológico	18
2.1. Enquadramento Metodológico	18
2.2. Desenho da Investigação	19
2.2.1. Questão Inicial.	19
2.2.2. Mapa conceptual.	19
2.2.3. Objetivos.	20
2.2.4. Questões de Investigação.	21
2.2.5. Estratégia Metodológica.	22
3. Apresentação e Discussão dos Resultados	26
4. Conclusão	49
4.1. Limitações do Estudo	54
4.2. Implicações Futuras	55
Referências Bibliográficas	56

Índice de Anexos

Anexo I. Árvore hierárquica de categorias e categorias-filhas elaborada para tratamento de dados.....	61
Anexo II. Tabela síntese comparativa entre famílias Casais e Singulares, com Fratrias Adoptivas, Fratrias Mistas e Filhos Únicos.....	64

Índice de Figuras

Figura 1. Modelo de Determinantes da Parentalidade (Belsky, 1984).....	5
Figura 2. Dimensões da parentalidade (Adaptado de Hoghughi & Long, 2004).....	5
Figura 3. Modelo Conceptual.....	20
Figura 4. Fatores promotores do Sentido de Família.....	27
Figura 5. Fatores Facilitadores do Nascimento do Sentido de Família.....	30
Figura 6. Fatores Perturbadores do Nascimento do Sentido de Família.....	33
Figura 7. Fatores Facilitadores do Desenvolvimento do Sentido de Família.....	34
Figura 8. Fatores Perturbadores do Desenvolvimento do Sentido de Família.....	38
Figura 9. Fatores Facilitadores da Parentalidade.....	41
Figura 10. Fatores Perturbadores da Parentalidade em famílias adotivas.....	45
Figura 11. Determinantes do Sentido de Família.....	50
Figura 12. Modelo Síntese dos Fatores Facilitadores do Sentido de Família e da Parentalidade.....	51
Figura 12. Modelo Síntese dos Fatores Perturbadores do Sentido de Família e da Parentalidade.....	52

Índice de Gráficos

Gráfico 1. Adaptação dos Filhos à Adoção.....	26
Gráfico 2. Comparação entre Casais e Singulares quanto ao Sentido de Família.....	29
Gráfico 3. Comparação entre Fratrias Adoptivas, Fratrias Mistas e Filhos Únicos quanto aos Sentido de Família.....	30
Gráfico 4. Comparação de Casais e Singulares quanto aos Fatores Facilitadores do Nascimento do Sentido de Família.....	32
Gráfico 5. Comparação entre Fratrias Adotivas, Fratrias Mistas e Filhos Únicos quanto aos Fatores Facilitadores do Nascimento do Sentido de Família.....	32
Gráfico 6. Comparação entre Casais e Singulares quanto aos Fatores Perturbadores do Nascimento do Sentido de Família.....	33
Gráfico 7. Comparação de Fratrias Adotivas, Fratrias Mistas e Filhos Únicos quanto aos Fatores Perturbadores do Nascimento do Sentido de Família.....	34
Gráfico 8: Comparação entre Casais e Singulares quanto aos Fatores Facilitadores do Desenvolvimento do Sentido de Família.....	37
Gráfico 9. Comparação entre Fratrias Adotivas, Fratrias Mistas e Filhos Únicos quanto aos Fatores Facilitadores do Desenvolvimento do Sentido de Família.....	38
Gráfico 10. Comparação entre Casais e Singulares quanto aos Fatores Perturbadores do Desenvolvimento do Sentido de Família.....	40
Gráfico 11. Comparação entre Fratrias Adotivas, Fratrias Mistas e Filhos Únicos quanto aos Fatores Perturbadores do Desenvolvimento do Sentido de Família.....	41
Gráfico 12. Aspetos do “Cuidar”.....	42
Gráfico 13. Aspetos da “Afetividade”.....	42
Gráfico 14. Aspetos da “Regulação Comportamental”.....	43
Gráfico 15. Aspetos das “Expectativas”.....	44
Gráfico 16. Comparação entre Casais e Singulares quanto aos Fatores Facilitadores da Parentalidade.....	44
Gráfico 17. Comparação entre Fratrias Adotivas, Fratrias Mistas e Filhos Únicos quanto aos Fatores Facilitadores da Parentalidade.....	45
Gráfico 18. Aspetos da “Regulação Negativa”.....	45
Gráfico 19. Aspetos da “Afetividade Negativa”.....	46
Gráfico 20. Aspetos das “Inseguranças”.....	46
Gráfico 21. Comparação entre Casais e Singulares quanto aos Fatores Perturbadores da Parentalidade.....	47
Gráfico 22. Comparação entre Fratrias Adotivas, Fratrias Mistas e Filhos Únicos quanto aos Fatores Perturbadores da Parentalidade.....	48

Parentalidade e Sentido de Família em Famílias Adotivas

“Sem dúvida, procriar é uma condição dada pela natureza; criar é uma responsabilidade no âmbito da ética entre os homens. Procriar é um momento; criar é um processo. Procriar é fisiológico; criar é afetivo.”

Luiz Schettini Filho, 2006

O desejo de ter filhos continua a ser comum para a maioria das famílias e, embora alguns casais decidam não ter descendência, sabe-se que estes são uma minoria. Como tal, quando surgem obstáculos à realização deste desejo, são várias as famílias que procuram formas alternativas de parentalidade, nas quais se inclui a adoção.

Tratando-se de uma problemática atual e de grande relevância social, é expectável que a adoção seja alvo de diversos estudos de investigação, particularmente no âmbito da psicologia forense, da psicologia da família, da psicologia do desenvolvimento, e da psicologia clínica, sobretudo com as finalidades últimas de enriquecer o conhecimento científico, melhorar as práticas de adoção e contribuir para o enriquecimento da intervenção preventiva e terapêutica.

A investigação sobre adoção, em Psicologia, tem sido construída a partir de dois pilares centrais - proteção da criança, e relação entre a adoção e o risco para a saúde mental. Ao longo do tempo, distinguem-se três linhas de investigação: (1) estudo de diferenças entre crianças adotadas, institucionalizadas e biológicas, considerando, sobretudo, vulnerabilidades e riscos associados; (2) análise de processos de recuperação e resiliência de crianças adotadas, com experiência prévia de perdas e traumas ao nível da parentalidade; e (3) processos de adaptação do sistema familiar à adoção (Palacios, 2007; Palacios & Brodzinsky, 2010), assumindo-se, nesta linha, uma perspetiva ecossistémica (Bronfenbrenner, 1979), cujo foco

não é apenas a criança mas todo o sistema familiar, bem como sistemas de interface com impacto na adaptação. Contudo, apesar de, também em Portugal, este ser um tema de grande relevância, a investigação sobre famílias adotivas é, ainda, muito escassa.

Assim, o presente estudo, de carácter exploratório, pretende, através da análise de narrativas e episódios descritivos de pais adotivos, identificar e analisar, em famílias adotivas, quais os principais fatores intervenientes na formação do sentido de família, tendo em conta as diversas tarefas associadas à transição e consolidação da parentalidade. Inserindo-se num quadro conceptual de complexidade sistémica, pretende-se, deste modo, contribuir para o enriquecimento do conhecimento sobre o processo de adaptação de famílias adotivas, procurando responder a algumas questões, tais como: Como falam os pais adotivos sobre “ser família”? Como avaliam os pais o processo de adaptação do filho? Quais os principais fatores intervenientes no nascimento e desenvolvimento do “sentido de família”? Existem diferenças entre famílias com casal parental e famílias com parentalidade singular? Existem diferenças entre famílias de filho único e famílias com fratrias (adotivas ou mistas)?

A presente dissertação encontra-se organizada em quatro secções:

- 1) Enquadramento teórico, o qual compreende a revisão de literatura;
- 2) Apresentação e descrição do processo metodológico;
- 3) Apresentação e discussão dos resultados obtidos;
- 4) Principais conclusões e reflexões.

1. Enquadramento Teórico

1.1. Compreendendo a Adoção

Segundo Salvaterra e Veríssimo (2008, p.501), “ a adoção é um procedimento legal que visa dar uma família à criança cujos pais biológicos não são capazes, não têm vontade ou estão legalmente proibidos de tomarem conta da criança.” Assim sendo, procura-se, antes de mais, dar resposta às necessidades da criança, focalizando-se o seu bem-estar imediato e a longo prazo. Tem-se como objetivo, desta forma, facultar um lar e uma família de carácter permanente, onde a criança se sinta em segurança e onde encontre um meio propício ao seu desenvolvimento harmonioso e salutar.

De acordo com Palacios (2009), a adoção é a medida de proteção de crianças em risco, em situações de abuso ou negligência, mais extrema que pode ser tomada, visto que representa uma mudança radical em que pais deixam de ser pais e elementos que não tinham filhos passam a ter, o que implica que o filho de determinada família deixa de o ser, para passar a pertencer a outra família. Por outro lado, trata-se de uma medida legalmente irreversível, ao contrário de todas as outras medidas para a proteção de crianças em risco; tão irreversível como a filiação biológica, visto que não existem diferenças no que diz respeito aos direitos e obrigações legais em ambas as situações.

A adoção é, pois, um processo que inclui, por um lado, a identificação e avaliação da criança que precisa de uma nova família, e, por outro, a avaliação dos candidatos a pais adotivos e do ajustamento das capacidades da família às necessidades da criança (Salvaterra, 2007), sendo imprescindível considerar as necessidades e o perfil psicossocial da criança e dos candidatos para que se possa estabelecer uma relação parental afetiva segura e satisfatória que possibilite à criança um desenvolvimento adequado a nível físico, psicológico e social.

1.2. Parentalidade Adotiva

Segundo a Convenção dos Direitos da Criança (UNICEF, 1990) é da responsabilidade dos pais, ou outros cuidadores, assegurar, de acordo com as suas capacidades e competências, as condições necessárias para o desenvolvimento saudável da criança. Deste modo, na maior parte das sociedades, é esperado que os pais promovam o desenvolvimento multidimensional dos seus descendentes, pelo que é dentro deste princípio que a comunidade científica aborda o conceito de “parentalidade”.

A transição para a parentalidade implica uma alteração no ciclo de vida da família, exigindo a reformulação de um conjunto de papéis, funções e responsabilidades, quer a nível individual como conjugal (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002). Verifica-se, desta forma, uma reorganização da estrutura do casal, a qual envolve não só as representações individuais dos pais, mas também mudanças profundas nas relações pessoais, familiares e sociais (Nickman, 2004 cit. por Santana & Zavattini, 2005).

Com base nesta variedade de fatores, Belsky (1984) propôs um modelo multifatorial de parentalidade (Figura 1) - o qual é absolutamente coerente com a perspetiva ecossistémica (Bronfenbrenner, 1979) - considerando-a não só como uma qualidade individual, mas sim como o resultado da interação de diferentes fatores, como sejam as características dos pais (história de vida e recursos pessoais), a relação do casal, as características da criança (personalidade, capacidades cognitivas, capacidade de regulação emocional, etc.) e o contexto social (visto como uma fonte de stress ou de apoio, como sejam as relações com a família alargada e a disponibilidade dos Serviços de Ação Social).

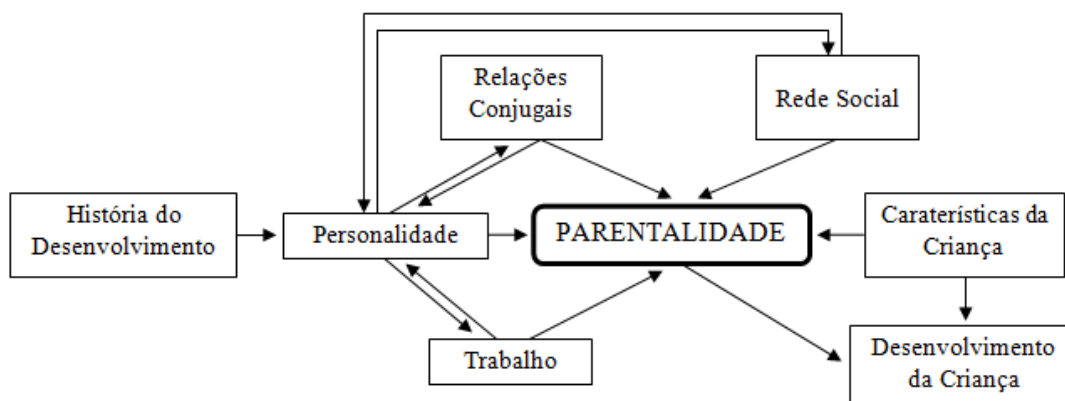


Figura 1. Modelo de Determinantes da Parentalidade (Belsky, 1984)

Embora a influência de fatores contextuais determine o peso das crenças culturais na definição de parentalidade, são várias as pesquisas que apontam para uma homogeneidade no que diz respeito às dimensões e tarefas que determinam o estabelecimento da relação pais-filhos (Keller, Voelker & Yovsi, 2005).

Com base no Modelo Ecológico de Bronfenbrenner (1979) e no Modelo de Determinantes da Parentalidade de Belsky (1984), Hoghughi e Long (2004) apresentam um modelo integrativo de parentalidade, o qual preconiza a existência de onze dimensões da parentalidade, agrupadas em três áreas distintas (Figura 2).

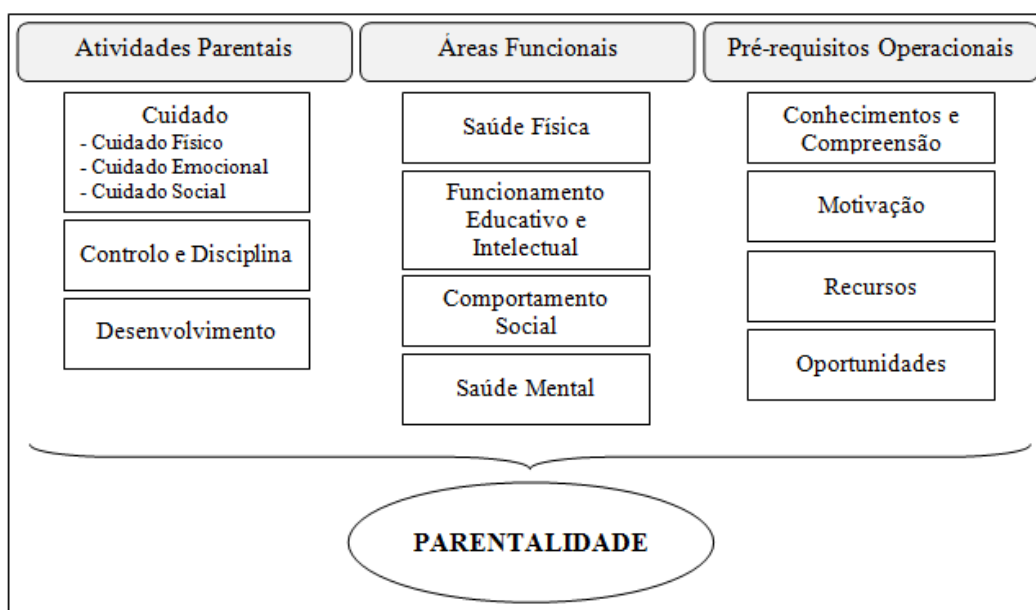


Figura 2. Dimensões da parentalidade (Adaptado de Hoghughi & Long, 2004).

De acordo com o modelo de Hoghughi e Long (2004), as dimensões da parentalidade podem agrupar-se em três Áreas:

- Área das Atividades Parentais, a qual se refere ao conjunto de atitudes e práticas necessárias a um desenvolvimento equilibrado da criança e à prevenção de adversidades que a possam pôr em risco, incluindo três dimensões: (1) o Cuidado, que permite responder às necessidades físicas (fisiológicas e de segurança), emocionais (respeito, aceitação, amor) e sociais (interação e integração social, competências sociais) essenciais à sua sobrevivência; (2) a Disciplina, relacionada com a supervisão, a monitorização e o controlo comportamental, o que pressupõe o estabelecimento de limites de acordo com a idade da criança e com a sua cultura; e (3) o Desenvolvimento, que se refere à promoção de oportunidades de desenvolvimento da criança em todas as áreas de funcionamento (social, emocional, moral, físico e cognitivo) e as quais não são essenciais para a sua sobrevivência (desporto, arte, cultura, valores, etc.).

- Áreas Funcionais, que dizem respeito a domínios que requerem atenção e vigilância parental: Saúde Física, Funcionamento Educativo e Intelectual, Comportamento Social e Saúde Mental.

- Pré-Requisitos Operacionais, que incluem um conjunto de especificidades necessárias ao desempenho parental: (1) Conhecimentos e Compreensão, ou seja, competências parentais que permitem o reconhecimento das necessidades dos filhos, desde a deteção de um problema até ao encorajamento ou resolução; (2) Motivação, compromisso e investimento dos pais para manter e melhorar as condições da criança; (3) Recursos, que incluem as qualidades e competências parentais, as redes sociais e os recursos materiais; (4) Oportunidades e condicionantes com impacto no exercício da parentalidade, tal como a disponibilidade de tempo em função do envolvimento profissional.

Tendo em conta o modelo dimensional de parentalidade proposto por Hoghughi e Long

(2004), torna-se clara a complexidade envolvida no desenvolvimento de uma parentalidade positiva, pelo que a intervenção dos pais surge como indispensável para o desenvolvimento da criança.

Embora sejam muitas as semelhanças entre parentalidade adotiva e biológica, identificam-se algumas tarefas específicas dos sistemas familiares adotivos (Hughes, 1999; Salvaterra, 2007), envolvendo dinâmicas que facilitam uma adaptação mútua e uma ligação afetiva com a criança adotada que “viaja” de fora para dentro do sistema, e não de dentro para dentro, como acontece nas famílias biológicas.

Em cada fase de vida da família adotiva, tanto pais como crianças enfrentam questões relacionadas com a adoção, as quais podem originar complicações no que diz respeito ao modo como cada membro lida e concretiza as tarefas mais universais da vida familiar (Salvaterra, 2007). Uma das mais importantes e relevantes para o desenvolvimento dos laços familiares é a transição para a parentalidade.

1.3. A Transição para a Parentalidade Adotiva.

As tarefas associadas à transição para a parentalidade influenciam fortemente o desenvolvimento do sentido de família, e implicam uma diversidade de competências e estratégias que permitem, no caso das famílias adotivas, lidar eficazmente com uma série de questões que lhes são específicas, como sejam:

- Infertilidade: a grande maioria dos pais adotivos teve de enfrentar a questão da infertilidade, o que se encontra, muitas vezes, associado a questões do foro psicológico para ambos os elementos do casal (Brodzinsky, Smith & Brodzinsky, 1998). Como tal, é essencial que os pais adotivos sejam capazes de lidar com esta situação adversa, que, quando não resolvida, pode vir a ameaçar a confiança, segurança e união do casal (Brodzinsky, Lang & Smith, 1995);

- Incerteza quanto ao tempo do processo de adoção: ao contrário do que acontece numa gestação biológica, a duração da “gestação adotiva”, ou “gestação psicológica” (Schettini, 2006), é imprevisível e, em geral, longa. Este período de espera, o qual se prolonga mesmo depois de a candidatura ter sido aprovada, pode ser fonte de sentimentos ansiedade, confusão, desamparo ou mesmo de depressão, para a família que aguarda a chegada da criança (Brodzinsky et al., 1998);

- Processo de avaliação: os pais adotivos têm de se submeter a um processo de avaliação, inegavelmente necessário dada a história de perdas e características idiossincráticas das crianças, o qual surge associado a um aumento dos níveis de stress, visto que transforma a parentalidade em “assunto público” que apenas se oficializa em tribunal (Salvaterra, 2007);

- Estigma social: a adoção é, frequentemente, percecionada como a “segunda melhor via de aceder à parentalidade”, o que é, igualmente, indutor de stress. Os pais vêem-se “obrigados” a justificar a sua opção pela parentalidade adotiva à família alargada e amigos, recebendo, habitualmente, menos suporte do que os pais biológicos, quando anunciam a sua gravidez (Singer, Brodzinsky, Ramsay, Steir, & Waters, 1985);

- Características da criança adotada: entre as características mais influentes no processo de adaptação, destaca-se a idade da criança aquando da adoção (e da retirada à sua família biológica). Crianças mais velhas têm solidamente inscrita uma história pessoal e um passado, vozes múltiplas da sua identidade, e, por sua vez, desconhecidas dos pais adotivos, o que interfere, inevitavelmente, na “re-co-construção” do novo sentido familiar, com implicações no funcionamento familiar, no ajustamento e na vinculação pais-filhos (Rosenthal, 1993). As vulnerabilidades e perdas relativas a vivências prévias repercutem-se no “ser pessoa” da criança, nos seus comportamentos, competências, estados emocionais e desenvolvimento, refletindo configurações que podem, sobretudo inicialmente, dificultar o estabelecimento de vínculos afetivos seguros entre pais e filhos, condicionando a positividade da parentalidade,

nomeadamente tendo como referência o modelo de Hoghughi & Long (2004), as “Atividades Parentais” (cuidado, controlo e disciplina, e desenvolvimento) e os “Pré-requisitos Operacionais” (motivação e recursos);

- Caraterísticas dos pais adotivos: a investigação tem demonstrado que algumas características mais comuns aos pais adotivos (Brodzinsky et al, 1998) são facilitadoras do processo de adaptação, tais como, o facto de serem, em geral, pais mais velhos, com carreiras profissionais estabelecidas, com maior segurança financeira e com mais experiência no que diz respeito a lidar com situações adversas, incluindo as associadas à vida familiar. Normalmente, os casais parentais têm também mais tempo de casamento, frequentemente atravessaram juntos situações de grande adversidade e stress, como a infertilidade e tratamentos para a infertilidade, o que pode implicar uma maior estabilidade, qualidade e satisfação relacional. Acrescenta-se, ainda, o forte e persistente desejo de assumirem a parentalidade, apesar de todos os fatores indutores de stress anteriormente enunciados.

De um modo geral, os estudos indicam que a maioria das famílias adotivas lida de forma adequada com esta fase de transição das suas vidas (Brodzinsky & Huffman, 1988; Singer et al, 1985). Múltiplos são, também, os estudos que demonstram que as famílias adotivas, desde a transição para a parentalidade, não se distinguem das famílias biológicas, ou distinguem-se favoravelmente, no que se refere a qualidade e satisfação familiar, qualidade dos vínculos afetivos e parentalidade positiva (Bonvehí, Forns & Freixa, 1996; Brodzinsky & Huffman, 1988; McGuinness, Ryan & Robinson, 2005; Muñoz, Rebollo, Fernandez-Molina & Morán, 2007; Van Londen, Juffer & Van IJzendoorn, 2007). Também no que se refere à configuração estrutural parental - adoção por casais vs. por singulares -, estudos empíricos revelam que não existe indicação de que adoções por singulares - ou seja, famílias de coabitação monoparental - sejam mais problemáticas do que adoções por casais (Haugaard, Palmer & Wojslawowicz, 1999; Pakizegi, 2007).

1.4. Parentalidade Psicológica.

Enquanto, para os pais biológicos, os laços de sangue são a base da vinculação dos pais à criança, os pais adotivos têm de se habituar à ideia de que uma criança, nascida de estranhos, realmente lhe pertence (Levy-Shiff et al. 1991, in Brodzinsky et al., 1998).

“A primeira tarefa inerente à parentalidade psicológica é a formação de um laço afetivo e de um sentimento de pertença” (Salvaterra, 2007, p.72). A constituição destes laços afetivos depende tanto das características dos pais (qualidades parentais) como da história relacional da criança. A estas famílias é, assim, pedido o estabelecimento de vínculos e de um sentimento de pertença que se prolongue no tempo, através das gerações, vínculo esse que poderá ser facilitado caso se verifique a aceitação das diferenças, por parte dos elementos da família nuclear e da família alargada, e um controlo/ajuda extrafamiliar, por parte dos serviços de adoção (Pim, Ferreira, Rodrigues & Costa, 2006).

Como tal, é necessário que os pais criem um ambiente que vá ao encontro das necessidades específicas do filho adotivo, ajudando a criança a sentir-se integrada, segura e confiante, na família (Brodzinsky et al., 1998). A criação destes laços pode ser dificultado, caso as experiências relacionais anteriores da criança a tenham levado a desenvolver sentimentos de desconfiança, face às figuras parentais, ou quando se tenham desenvolvido laços de vinculação segura com a família biológica ou outros cuidadores. Contudo, o estabelecimento de laços afetivos entre a criança e os pais não é o único desafio inerente à parentalidade psicológica. A este, somam-se as questões relacionadas com a revelação do estatuto de adotado, bem como o saber lidar com a curiosidade da criança em relação à sua família de origem. É, então, necessário que os pais saibam dar suporte no que diz respeito à identidade do filho relativamente à adoção, sabendo lidar com possíveis interrogações e movimentos de procura da sua família de origem (Brodzinsky et al., 1998).

1.5. Filiação Psicológica.

Do ponto de vista da criança, a adoção também se trata de um processo complexo, principalmente no que diz respeito aos aspetos relacionados com a filiação psicológica. Assim, são questões fulcrais desta fase, a vinculação aos novos pais, o processo de tomada consciência do estatuto de adotado e a formação de uma identidade filial em relação aos novos pais que, até então, eram elementos estranhos ao seu círculo social e familiar (Triseliotis, Shireman, & Hundleby, 1997).

A vinculação aos novos pais é a primeira tarefa que a criança adotada enfrenta, e a qual corresponde à criação de laços afetivos com os novos pais. Na maioria das crianças, o comportamento de vinculação com uma figura de referência desenvolve-se durante os primeiros 9 meses de vida, pelo que, quanto mais experiências de interação a criança tiver com determinada pessoa, maior é a probabilidade de que estes vínculos se estabeleçam. Como tal, é natural que crianças mais velhas, que encontram mais tarde novas figuras parentais, já possuam outras relações de vinculação, pelo que estes novos elos relacionais desenvolvem-se num contexto diferente da habitual vinculação mãe-bebé. Por outro lado, estudos relacionados com a vinculação em crianças adotadas concluem que não se verificam diferenças significativas quanto à segurança da vinculação estabelecida, entre crianças adotadas antes ou depois dos 9 meses, ou entre crianças adotadas e não adotadas, desde que os pais adotivos respondam de forma adequada às suas necessidades (Singer et al., 1985).

A revelação da adoção envolve, também, tarefas adicionais específicas e não partilhadas pelas outras crianças (Triseliotis et. al., 1997), como sejam o ter de lidar com o sentimento de perda dos pais biológicos ou de outras figuras significativas e com o sentimento de rejeição que esse facto, muitas vezes, envolve, o conhecimento da diferença entre parentalidade biológica e parentalidade psicológica e a integração, no desenvolvimento da sua identidade,

do facto de ter mais de uma família. Quanto ao momento da revelação, são diversos os estudos que apontam para as vantagens de a criança conhecer, desde cedo, a sua condição de adotada, visto que a posterior tomada de conhecimento do estatuto de adotado poderá levar a uma quebra de confiança nos pais adotivos, podendo, inclusive, gerar crises de identidade. De acordo com diversos autores, a informação que se vai dando à criança deve ser adaptada ao seu nível de desenvolvimento (Brodzinsky et al., 1995), e o processo de revelação deve começar entre os 2 e os 4 anos de idade, período em que as crianças recebem a informação com bastante naturalidade e tranquilidade.

Muito embora os processos de construção do sentido de família, envolvidos no processo de adoção, sejam complexos, são vários os autores que apontam para o facto de a adoção ser a melhor alternativa para as crianças privadas da sua família de origem, pelo que, à semelhança do que acontece com os pais adotivos, as crianças adotadas conseguem, na sua maioria, ultrapassar com sucesso as ‘tarefas psicológicas’ acrescidas com que se defrontam, estabelecendo laços afetivos fortes com os seus pais adotivos (Brodzinsky et al, 1995; Triseliotis et al., 1997).

1.6. Sentido de Família: Desafios, Stress e Fatores de Equilíbrio

Ser família adotiva implica, inevitavelmente, o co-construir do sentido de família, alicerce da perceção de identidade familiar, indissociável de um processo de adaptação equilibrado à adoção. Nas famílias adotivas, pelas suas características peculiares a par das semelhanças em relação às famílias biológicas, a co-construção do sentido de identidade - conceptualizado como um processo contínuo de vozes dialogantes intra e inter-individuais, através do qual nos construímos como pessoas e atribuímos significado e coerência à nossa existência - assume múltiplas singularidades (Gonçalves & Gonçalves, 2001; Hermans, Kempen & van Loon, 1992, Hermans, Rijks & Kempen, 1993):

- A maioria dos pais adotivos não pôde escolher a parentalidade biológica, o que levou também, só por si, a um anterior co-renascimento da identidade;
- O facto de uma criança estar em situação de adoção (seja qual for o motivo) implicou, só por si, co-renascimentos da identidade, prévios à adoção;
- Não existe uma história genética partilhada, impedindo a versão percebida de uma realidade de “transmissão também genética de vozes” ;
- Não há experiencição de gravidez nem (regra geral) dos primeiros momentos de vida da criança;
- Os pais passaram por um processo de avaliação formal para poderem ser legitimados como pais, ou seja, como tendo o direito afetivo e moral de exercerem o papel de pais, estando, pois, dependentes de vozes de outros afetivamente neutros e distais;
- O tempo de espera pelo filho não é pré-determinado, e é, regra geral, longo, impossibilitando a génese idealizada de uma voz interior;
- O filho não vem “de dentro”, vem “de fora”, trazendo na sua bagagem uma história de vida própria, co-construída com vozes independentes da dos pais, e uma cultura estranha aos pais; os pais têm uma cultura estranha ao filho. Assim, a família é confrontada com o desafio de transformar o “outro-que-não-meu” (diferença e distância) num “meu” (proximidade e semelhança).

Estas singularidades, comuns às famílias adotivas, constituídas por inúmeras “vozes”, origens, experiências e tempos divergentes, condicionam significados e afetos o que, inevitavelmente, acrescenta desafios complexos, stress e dificuldades, à qualidade das relações intrafamiliares, nomeadamente, à consolidação de vínculos afetivos seguros entre pais e filhos, imprescindíveis ao desenvolvimento de uma parentalidade positiva.

Para além dos desafios comuns da parentalidade, são vários os fatores singulares à adoção, potencialmente originadores de stress, que dificultam a formação do sentido de

família: o próprio processo de adoção, história de vida, tanto dos adotantes como dos adotados, e, em particular, as questões associadas a perdas e experiências traumáticas vividas pela criança. A estas acrescentam-se as dificuldades em relação aos processos de vinculação, comportamentos disruptivos, a comunicação do estatuto de adotado e vida anterior da criança, e problemas relacionados com aspetos legais, de saúde e de desenvolvimento (Palacios, 2009). Assim, a parentalidade adotiva, enquanto processo extraordinariamente complexo e desafiante, pode ser fonte de elevados níveis de stress para os diferentes membros do sistema familiar, resultando num estado de tensão que exige a integração e adaptação de novas estratégias de *coping* para lidar com estas exigências (Levy-Shiff, Goldshmidt & Har-Even, 1991). Contudo, é de salientar que stress não é, necessariamente, sinónimo de problemas, perturbações ou desajustamento, sendo uma parte integrante da experiência de parentalidade, e consequentes desafios e exigências, comuns a todas as famílias, pelo que, estudos empíricos têm revelado que os níveis de stress parental das famílias adotivas não se diferenciam significativamente dos encontrados em famílias biológicas (Palacios & Sánchez-Sandoval, 2006).

O desenvolvimento de um sentido de família positivo implica que se integrem e desenvolvam estratégias que permitam lidar com os desafios e exigências que se colocam às famílias adotivas (Levy-Shiff, et al., 1991).

Tal como referido anteriormente, segundo Brodzinsky et al. (1998), os pais adotivos possuem, à partida, um conjunto de características capazes de os ajudar a dar respostas adequadas, quando confrontados com os desafios da parentalidade, às quais se adicionam os recursos emocionais e psicológicos providenciados pela rede social da família. A estes fatores favoráveis ao desenvolvimento do sentido de família, adicionam-se, entre outros, a positividade na perceção e atribuição de dificuldades, os estilos e práticas educativas adequadas e o fortalecimento dos laços afetivos (Bohanek, Marin, Fivush & Duke, 2006).

O modo como os pais percebem as dificuldades e as atribuições que fazem, influenciam fortemente as suas respostas afetivas e comportamentais, determinando o nível das respostas produzidas (Boss, 2002). Assim, as famílias que são capazes de redefinir e reenquadrar os acontecimentos de forma positiva parecem ter uma maior capacidade adaptativa (McCubbin & Patterson, 1983).

De entre as estratégias promotoras de um sentido de família positivo, e integrante na transição para a parentalidade, inclui-se ainda o estabelecimento de regras parentais e a criação das regras de funcionamento da nova família, pelo que, o estilo parental autoritativo, caracterizado por afeto e suporte, controlo, disciplina e qualidade positiva da comunicação, catalisa a auto-estima e a auto-eficácia, favorecendo o desenvolvimento equilibrado da criança (Pereira, 2007), o que se repercute, inevitavelmente, no desenvolvimento do sentido de família e, conseqüentemente, no processo de adaptação. As estratégias de controlo indutivas - que utilizam o diálogo como peça central da regulação do comportamento - têm um impacto fortemente positivo no desenvolvimento da criança (Cecconello, De Antoni, & Koller, 2003).

Segundo Salvaterra (2007. p.79), “o sentimento de perda e rejeição que a adoção envolve, o sentimento de não ter sido amado ou desejado pelos pais biológicos, pode ser uma experiência traumática” e ter impacto na autoestima e autoconceito da criança, o que poderá influenciar o desenvolvimento do sentido de família. Assim, surgem, por vezes, sentimentos de zanga e raiva, pelo que o amor e o cuidado dos pais adotivos e a relação estabelecida, assumem um papel importante. De acordo com Schettini (2006), nas famílias adotivas, devido à inexistência de uma ligação biológica, os afetos assumem uma grande importância na relação entre pais e filhos e na construção do sentido de família. Segundo o autor, a condição de pais implica, imprescindivelmente, o estabelecimento de uma relação afetiva, sendo que o “alicerce da consciência parental está no sentimento de que adotar um filho implica um

processo de ‘incorporação’”(p.1). Desta forma, o filho adotivo é imaginado e criado dentro de quem adota, tal como acontece com um filho biológico, sendo “a convivência afetiva que dá sentido à relação de parentalidade”(p.1). O amor surge, então, como a resposta tanto para os sentimentos de perda e rejeição da criança adotada, como para o medo que os pais adotivos têm de não ser aceites pelo filho adotado. É a contiguidade afetiva que garante o estabelecimento da relação parental.

Ainda no que diz respeito à construção de um relacionamento positivo entre pais-filhos adotivos, Schaefer (1978, cit. por Jager, 2011), aponta várias estratégias:

- Saber escutar, o que implica mostrar-se atento, disponível, paciente, empático, e ajudar a clarificar e relacionar experiências;
- Falar de modo a que a criança escute, sendo breve, mantendo o respeito, sendo direto e honesto, e mantendo a coerência;
- Celebrar rituais e cerimónias, gerando coesão e sentido de pertença;
- Demonstrar afecto, através de uma atitude incondicionalmente positiva;
- Oferecer suporte emocional;
- Estabelecer uma relação de confiança mútua, sendo honesto, genuíno e admitindo os erros;
- Dispor de tempo para estar com o filho;
- Manter uma boa relação a nível afetivo com o cônjuge;
- Criar uma atmosfera positiva em casa;
- Desenvolver o sentido de família, aumentando a coesão e o sentimento de orgulho e de pertença, através da promoção do respeito e da admiração entre os membros da família.

Também o Child Welfare Information Gateway (2010), recomenda algumas estratégias podem ajudar os pais e a família adotiva a adaptar-se ao seu novo estatuto:

- Estabelecer contacto com outros pais adotivos;

- Estabelecer tradições familiares e rituais que podem contribuir para o reforço da identidade familiar;
- Criar o livro da história da família, onde pais e filhos escrevem sobre as suas histórias pessoais e sobre a história da família;
- Estabelecer contacto com a cultura de base do filho adotivo, o que é especialmente importante no caso de adoções internacionais ou interculturais;
- Preparar o que responder aos outros (incluindo familiares, amigos e estranhos) acerca da adoção e da história da criança. A partilha de informação acerca da adoção pode contribuir para o reforço da identidade parental e da identidade da criança.
- Procurar ajuda técnica especializada, em caso de necessidade.

Num estudo realizado por McGlone, Santos, Kazama, Fong e Mueller (2002, cit. por Keagy, & Rall, 2007), os autores identificaram cinco fatores fortemente influentes na qualidade das relações familiares adotivas: as interações pais-filhos, a coesão familiar, o ajustamento parental, os assuntos relacionados com o serviço de adoção e as características da criança, sendo a última considerada o fator mais relevante. Assinala-se, ainda, a qualidade do apoio, por parte da família alargada, as expectativas dos pais acerca dos filhos, e as questões particulares da adoção, como seja o momento da revelação.

Em suma, a qualidade das relações familiares, a qualidade dos vínculos efetivos e dos estilos parentais, a resolução bem sucedida dos sentimentos de perda e rejeição, e as atitudes favoráveis do meio, são fatores que contribuem para a formação do sentido de identidade familiar (Triseliotis et al., 1997).

2. Processo Metodológico

2.1. Enquadramento Metodológico

Dado que a adoção de determinada metodologia de investigação deve ser feita tendo em conta a natureza do problema a estudar, (Denzin & Lincoln, 2005) considerou-se pertinente a seleção de uma metodologia de investigação qualitativa ou interpretativa, visto que o objetivo central é a compreensão dos processos e fenómenos inerentes à problemática em estudo, compreensão essa alcançada através das experiências, representações e perceções internas dos sujeitos. Neste contexto, Bogdan e Biklen (1994) referem que a abordagem qualitativa é a mais indicada quando se pretende descrever um fenómeno em profundidade, uma vez que permite a apreensão de significados e estados subjetivos, possibilitando o acesso e a possibilidade de compreensão de diferentes perspetivas e pontos de vista sobre determinado assunto. Como tal, o principal objetivo deste estudo não passa pela comprovação de hipóteses, nem pela geração de generalizações ou afirmações universais com vista à explicação dos fenómenos num sistema causal linear. Procura-se, sim, centrar-se no reconhecimento da importância da compreensão das experiências de vida de cada um dos participantes, particularizando e compreendendo os sujeitos e os fenómenos na sua complexidade e singularidade, através da descrição de experiências e representações que possibilitem a compreensão do quadro de referência de cada indivíduo. Assim, “a preocupação central não é a de se os resultados são suscetíveis de generalização, mas sim a de que outros contextos e sujeitos a eles podem ser generalizados” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 66), não se exigindo um grande número de participantes, uma vez que a opção é pela profundidade em detrimento da amplitude (Cezar-Ferreira, 2004).

2.2. Desenho da Investigação

A presente investigação tem um carácter exploratório¹, e pretende, através de um desenho qualitativo, identificar e analisar, em famílias adotivas, quais os principais fatores intervenientes na formação do sentido de família, tendo em conta as diversas tarefas associadas à transição e consolidação da parentalidade.

2.2.1. Questão Inicial.

Considerando o carácter exploratório do estudo, este parte de uma interrogação inicial que se coloca como ponto de partida: *Quais os principais fatores intervenientes no nascimento e desenvolvimento do sentido de família em famílias adotivas?*

2.2.2. Mapa conceptual.

Segundo Novak e Cañas (2008), os mapas conceptuais são ferramentas utilizadas para organizar e representar um corpo de conhecimentos. Incluem, desta forma, tanto os conceitos/constructos em estudo, como as relações entre os mesmos ou proposições, que surgem como ligação entre dois conceitos, atribuindo um significado à relação.

Procura-se, assim, oferecer novas perspetivas e/ou orientar a investigação científica, focalizando-se a atenção sobre um número reduzido de ideias importantes, esquematicamente resumidas, e suas possíveis relações.

Pretende-se, assim, apresentar as possíveis relações entre as variáveis em estudo, as quais servirão de orientação para a interpretação dos dados obtidos (Figura 3).

¹ Enquadrada num estudo mais vasto de *Follow-up* do Serviço de Adoção da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML).



Figura 3. Modelo Conceptual

2.2.3. Objetivos.

Com base na questão inicial e nos relatos obtidos através de entrevistas realizadas a famílias adotivas, o presente estudo pretende identificar e analisar, em famílias adotivas, quais os principais fatores intervenientes na formação do sentido de família, tendo em conta as diversas tarefas associadas à transição e consolidação da parentalidade. Como tal, definiram-se os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar quais os fatores percebidos pelos pais adotivos como intervenientes na construção do sentido de família;
2. Compreender a perceção que as famílias adotivas têm relativamente: à promoção de vínculos entre os membros da família, ao processo de adaptação dos filhos e à consolidação

do sentido de família;

3. Analisar os mecanismos de adaptação essenciais para a transição e consolidação da parentalidade adotiva e a percepção que as famílias adotivas têm das situações vivenciadas;

4. Analisar se existem diferenças entre famílias com casal parental e famílias com parentalidade singular; e entre famílias de filho único e famílias com fratrias (adotivas ou mistas).

2.2.4. Questões de Investigação.

Tendo em contas os objetivos acima descritos, especificaram-se as seguintes questões de investigação:

1. Como avaliam os pais o processo de adaptação dos seus filhos adotivos?
2. Quais os principais fatores reconhecidos como promotores do sentido de família?
3. Quais os principais fatores reconhecidos como facilitadores do nascimento do sentido de família?
4. Quais os principais fatores reconhecidos como perturbadores do nascimento do sentido de família?
5. Quais os principais fatores reconhecidos como facilitadores do desenvolvimento do sentido de família?
6. Quais os principais fatores reconhecidos como perturbadores do desenvolvimento do sentido de Família?
7. Quais os principais fatores reconhecidos como facilitadores da parentalidade?
8. Quais os principais fatores reconhecidos como perturbadores da parentalidade?
9. Existem diferenças entre casais e singulares, e entre famílias com fratrias adotivas, fratrias mistas ou filhos únicos, quanto a cada uma das questões anteriores?

2.2.5. Estratégia Metodológica.

2.2.5.1. Seleção e Caracterização da Amostra.

Para a execução do presente estudo, a recolha da amostra foi levada a cabo através de uma seleção não probabilística e de conveniência, recorrendo-se ao Serviço de Adoção da SCML de modo a que os sujeitos escolhidos correspondessem aos parâmetros relevantes para o objeto de estudo (Daly, 2007). Como tal, trata-se de uma amostra constituída por participantes voluntários, que não pretende ser representativa da população, pelo que a sua seleção foi feita de modo a privilegiar o acesso a casos relevantes e a indivíduos com características específicas.

A amostra utilizada para a realização deste estudo é composta por dez casais adotivos (dos quais cinco com filho único, dois com fratria adotiva e três com fratria mista - dois casais com um filho biológico e um casal com mais de três filhos biológicos) e quatro pais adotivos singulares (três mulheres e um homem), que adoptaram entre 2003 e 2008.

No momento da recolha dos dados, as idades dos participantes variava entre 35 e 51 anos, tendo a maioria entre 40 e 48 anos. Relativamente à situação relacional, nove casais estavam casados, um em união de facto, um singular divorciado e três singulares solteiros. Na maioria dos casais, o tempo de casamento oscilava entre cinco e nove anos; um dos casais estava em relação conjugal há menos de cinco anos; e outro há mais de 20 anos. Todos os participantes tinham estudos superiores.

No que diz respeito ao sexo dos filhos adotivos, seis são raparigas e dez são rapazes. A idade, no momento da adoção, oscilava entre doze meses e seis anos. Aquando da recolha dos dados, a idade dos filhos adotivos variava entre três e onze anos, e a dos filhos biológicos entre cinco e treze anos.

2.2.5.2. Instrumentos Utilizados.

Tal como referido anteriormente, no presente estudo, recorreu-se a uma metodologia qualitativa, tendo-se aplicado um questionário sociodemográfico e procedido à recolha de dados através da execução de uma entrevista semiestruturada, com subsequente análise de conteúdo através do processo *Grounded Theory*, o qual foi facilitado pela utilização do programa *QSR NVivo 8*.

2.2.5.2.1. Entrevista Semiestruturada.

Para o estudo mais vasto de *Follow-up* da SCML, a partir do qual se realizou o presente estudo, foi elaborado o guião de uma entrevista semiestruturada, o qual pretende abordar diversas temáticas relacionadas com o objetivo desta investigação, como sejam: primeiras memórias/contactos com o filho, integração e processo de adaptação, reação de familiares e amigos, principais dificuldades (esperadas ou imprevistas), atitudes e práticas educativas, desenvolvimento da criança, adaptação escolar, relação com os pares, recursos da família, impacto da adoção, rituais familiares, projetos familiares, necessidades sentidas pelas famílias adotivas e conselhos para outros pais adotivos.

2.2.5.3. Procedimento de Recolha de Dados.

O primeiro contacto com os participantes deste estudo foi feito através do Serviço de Adoção da SCML. A amostra corresponde a um recorte da amostra total de casais adotivos, selecionados através da sua resposta positiva a um pedido formal de colaboração efetuado pela SCML, onde se procedeu ao esclarecimento dos objetivos e propósitos do estudo, tendo sido assegurada a confidencialidade e anonimato dos participantes e dados recolhidos. Posteriormente, foi estabelecido um contacto telefónico com os participantes e foi marcada uma data e local para a realização da entrevista semiestruturada e para o preenchimento dos

instrumentos.

As entrevistas, que tiveram a duração de aproximadamente duas horas, foram levadas a cabo numa sala da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, tendo sido conduzidas pela investigadora responsável – orientadora da presente tese de mestrado – e, de acordo com o consentimento obtido, gravadas em formato áudio, de modo a facilitar a sua sequente transcrição e análise de dados.

2.2.5.4. Procedimento de Análise de Dados.

Após a transcrição global das entrevistas, iniciou-se o processo de análise qualitativa dos dados, seguindo os procedimentos da *Grounded Theory*, e com recurso ao *software QSR NVivo 8*, através do qual se procedeu à construção das categorias e à codificação das unidades de análise.

A *Grounded Theory* é o processo através do qual o investigador gera uma teoria com base nos dados recolhidos (Glaser & Strauss, 1967). Trata-se de uma metodologia sistemática, maioritariamente utilizada em investigação qualitativa, e a qual envolve a descoberta da teoria através da análise dos dados.

Segundo Evans (2007), a *Grounded Theory* pode ser considerada um processo de investigação que opera de modo quase inverso ao das investigações tradicionais: em vez de se iniciar com o estabelecimento de hipóteses de estudo, o primeiro passo é a recolha de dados através de uma variedade de métodos, como sejam entrevistas, observações, narrativas, vídeos, entre outros. Os dados recolhidos são, posteriormente, analisados através de um procedimento de codificação de modo a realçar pontos-chave, padrões, temas ou conceitos, os quais permitirão, posteriormente, a construção da teoria. Os dados codificados são, então, agrupados de acordo com a semelhança de conceitos a estes inerentes, de modo a que possam ser trabalhados. Este é um processo que permite uma análise sistemática dos dados, sendo

descrito como a análise qualitativa apropriada quando o objetivo é o desenvolvimento de uma teoria que explique os dados recolhidos.

Assim, numa primeira fase, codificaram-se as entrevistas, procurando-se rotular conceitos e, posteriormente, categorias, que fossem de encontro aos objetivos do estudo, categorias essas que derivaram diretamente das próprias palavras dos participantes. No processo de análise de dados, foi construída uma árvore hierárquica de categorias, em que ‘categorias-mãe’ abrangem as ‘categorias-filha’ relacionadas. (ver anexo 1)

No capítulo seguinte, procede-se à descrição exaustiva das categorias emergentes, sua análise e discussão.

3. Apresentação e Discussão dos Resultados

O presente capítulo foi estruturado tendo como ponto de partida os objetivos anteriormente enunciados, procurando, desta forma, dar resposta às questões de investigação colocadas, as quais se analisam e discutem de seguida². Deste modo:

Como avaliam os pais o processo de Adaptação dos seus filhos adotivos?

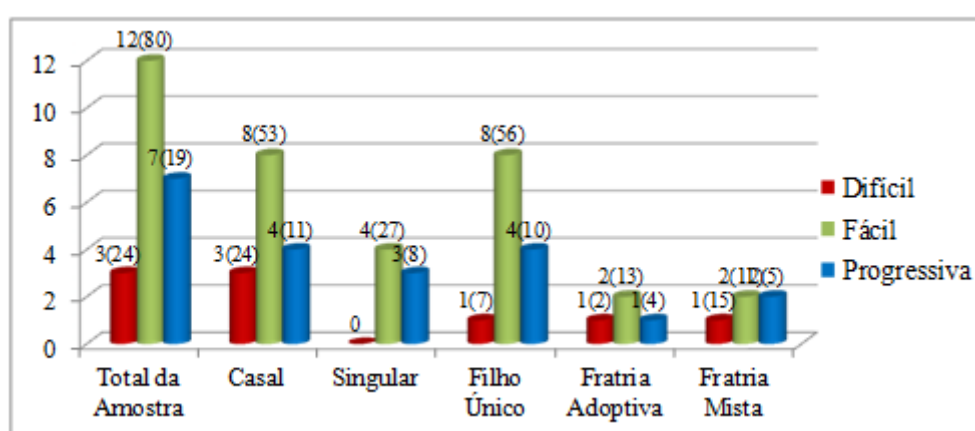


Gráfico 1. Adaptação dos Filhos à Adoção

Como se pode observar através do gráfico 1, a maioria dos pais da amostra, independentemente dos subgrupos a que pertencem (casal, singular, com um filho único, com fratria adotiva ou mista) consideram que a adaptação dos seus filhos adotivos foi “Fácil”³ (12) ou “Progressiva”⁴ (7), indo de encontro ao protagonizado por diversos autores que afirmam que a maioria das famílias adotivas é capaz de lidar de forma adequada com as alterações necessárias ao ajuste e adaptação do novo filho que, sendo proveniente de um sistema externo, passa a integrar o sistema familiar. (Brodzinsky & Huffman, 1988; Singer et al, 1985).

² Nesta apresentação, sempre que surge um número seguido de outro entre parênteses, deve ler-se: “quantidade de fontes - casal/singulares (quantidade de referências codificadas). Por exemplo, 9(18) significa 9 fontes - casais/singulares (18 referências codificadas)”.

³ “Ele adaptou-se muito bem. Portanto, nós nunca notámos uma evolução nesse sentido (...)”

⁴ “(...) em menos de um mês eu acho que ele já se sentia como se tivesse vivido aqui a vida toda dele. E nós também.”

Contudo, esta adaptação implica, tal como descrito extensivamente na literatura, uma consecução de determinadas tarefas, algumas comuns a todas as famílias, outras específicas das famílias adotivas, de modo a estabelecer e consolidar uma “Identidade Familiar”, ou “Sentido de Família”, em especial nestas famílias onde partilha de material genético não se encontra presente como fator intrínseco de coesão (Salvaterra, 2007). Há, então, que compreender melhor como nasce e se desenvolve o “Sentido de Família” nas famílias adotivas.

Quais os principais fatores reconhecidos como promotores do Sentido de Família?

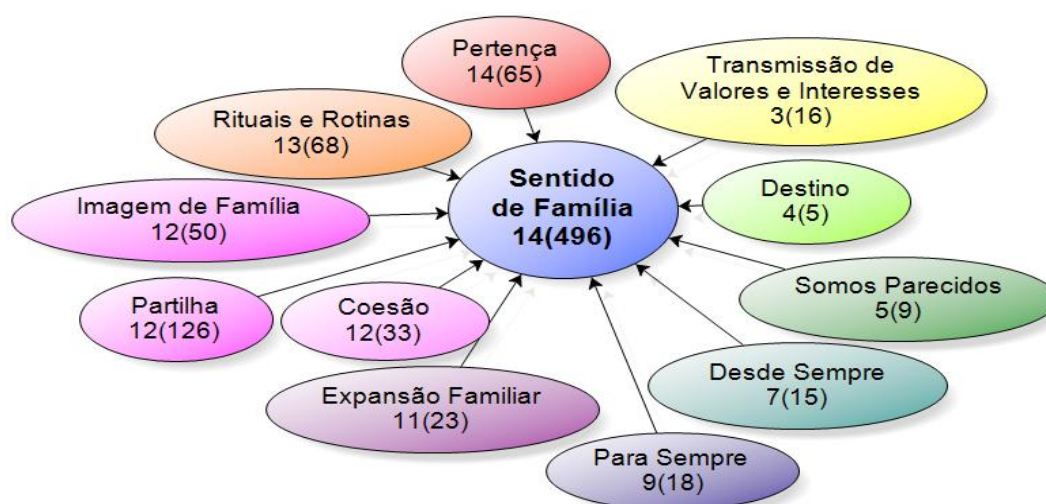


Figura 4. Fatores promotores do Sentido de Família

De acordo com os resultados obtidos, para os pais adotivos da amostra, os principais fatores promotores do “Sentido de Família” são a percepção de “Pertença”⁵ (14) e os “Rituais e as Rotinas”⁶ (13), os quais, segundo Schaefer (1978, cit. por Jager, 2011), se inter-relacionam, visto que, segundo este autor, celebrar rituais e cerimónias são métodos geradores de sentimentos de união, felicidade e sentido de pertença. O estabelecer de tradições familiares e rituais, de rotinas diárias e/ou semanais, é também apontado como uma estratégia, pelo Child

⁵ Porque ele pensa na família como a família: - “É a minha família!”, “Esta é a minha família!””

⁶ “O pai chega normalmente antes do jantar, e isso é sagrado, não se deita sem ter aquele bocadinho de brincar com o pai.”

Welfare Information Gateway (2010), ajudando a criar um meio familiar estável para as crianças e a normalizar a vida familiar. De entre estes rituais, salienta-se a comemoração de dias importantes, como os dias festivos, aniversários ou a comemoração do dia da adoção, marcos estes que podem contribuir para o reforço da identidade familiar.

De igual modo, a “Imagem da Família”⁷ (12), a “Partilha”⁸ (12) de atividades, interesses e valores e a “Coesão”⁹ (12), também surgem como fatores que contribuem para o sentido de família, tal como referido por Schaefer (1978, cit. por Jager, 2011), que estabelece como uma das estratégias para o aumento do sentido de família, o aumento do sentimento de orgulho e de pertença, através da promoção do respeito e da admiração entre os membros da família. Segundo este autor, é importante ainda incentivar ações que levem ao aumento da coesão familiar, ou seja, da tendência para se manterem juntos.

A “Expansão Familiar”¹⁰ (11), ou seja, o processo de tomada de consciência do estatuto de adotado e a formação de novas identidades tanto de pais como de filhos adotivos, até então elementos estranhos ao círculo social e familiar (Triseliotis, et al. 1997), também surge como um fator fulcral para o desenvolvimento do sentido de família, expandindo-se para a família alargada.

Os aspetos de expansão no tempo refletidos pelas categorias “Para Sempre”¹¹ (9) e “Desde Sempre”¹² (7) também foram referidos por cerca de metade da amostra, uma vez que a temporalidade, na sua dimensão de continuidade, parece ser uma característica das

⁷ “Depois o mais engraçado era quando eu ia passear com o João, não andava a dizer às pessoas “Olha é adotado”, as pessoas “Ah que giro, é o teu filho?”, e eu “É”, pessoas que já não me viam há que tempos. “Ah que giro, é a tua cara!”, e eu “Obrigada””

⁸ “O J., talvez por influência, não sei, está a começar a ganhar o mesmo tipo de gostos que nós. O J. é uma criança que adora livros, coisa que qualquer um de nós gosta.”

⁹ “Ou o beijinho todos juntos. Que não é só o pai e mãe, é todos. Isso também é uma marca nossa.”

¹⁰ “Já é o mano! Já inclui, já está lá o desenho da família onde inclui o mano. (risos)”

¹¹ “- Perfeitamente. Instalou-se como se aquela casa fosse dele...

- Exatamente. Como se a casa fosse dele há muito tempo.”

¹² “Pois as pessoas dizem sempre “que grande atitude de nobreza, que grande atitude de coragem”. Eu acho que é preciso tanta coragem em ter um filho por este processo, como por outro processo qualquer. (...) Porque um filho é para toda a vida.”

narrativas de pais adotivos (Krusiewick & Wood, 2001).

No que diz respeito à comparação entre famílias de “Casais” e “Singulares”, de um modo geral, verifica-se que, em ambos os sistemas familiares, os fatores apontados por mais pais são aproximadamente os mesmos, embora todas as famílias singulares tenham referido os “Rituais e Rotinas”, a “Imagem de Família”, a “Partilha” e a “Coesão”, enquanto nos casais nem todos o tenham feito, indicando que talvez a ausência de um cônjuge leve estes pais a dar mais importância às questões relacionadas com a coesão familiar e com a imagem social implícita no facto de terem constituído uma família monoparental. Por outro lado, para os casais, a sensação de que um filho adotivo é “Para Sempre” foi referida por mais indivíduos do que “Desde Sempre”, acontecendo o contrário para os singulares.

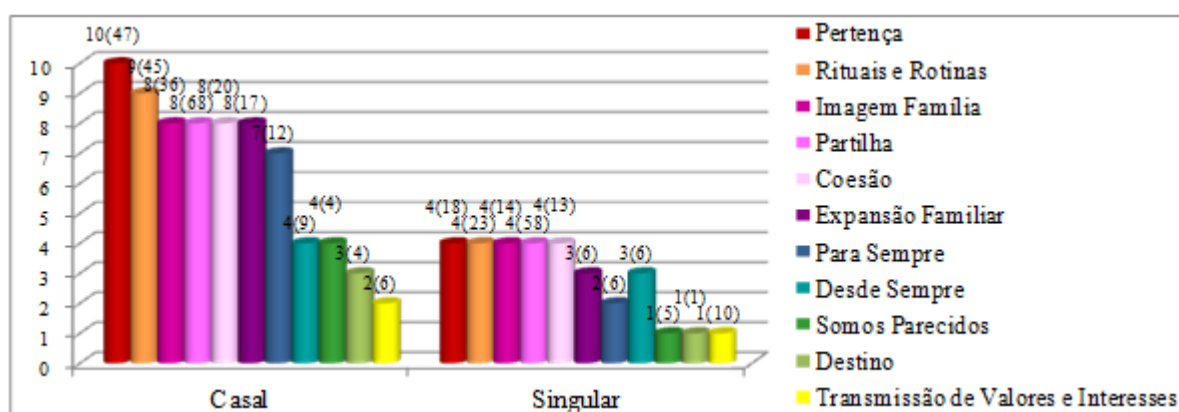


Gráfico 2. Comparação entre Casais e Singulares quanto ao Sentido de Família

Quanto à comparação de famílias com “Fratrías Adotivas”, “Fratrías Mistas” e “Filhos Únicos”, embora a “Pertença” surja apontada por todos como promotora do “Sentido de Família”, os “Rituais e Rotinas” e a “Imagem de Família” parecem ser mais importantes para as famílias com fratrias, mais numerosas e, como tal, com processos mais complexos a nível da promoção da coesão familiar, do que para as famílias com filhos únicos. Contudo, a “Coesão” parece ser um factor percecionado como mais importante para famílias com fratrias adotivas e filhos únicos, do que para famílias com fratrias mistas, onde a criança adotada é

integrada num sistema familiar que já tem laços biológicos estabelecidos, os quais são intrinsecamente promotores de coesão. De igual modo, a sensação de família “Desde Sempre”, a noção de “Somos Parecidos” e a “Transmissão de Valores” nunca é referida por famílias com fratrias mistas. Por outro lado, a “Partilha” é referida por todas as famílias com filhos únicos, o que não acontece com as fratrias, em que talvez a relação estabelecida entre irmãos diminua um pouco a necessidade de partilha entre pais e filhos. Por último, a percepção de que era “Destino” só é referida por famílias com filhos únicos.

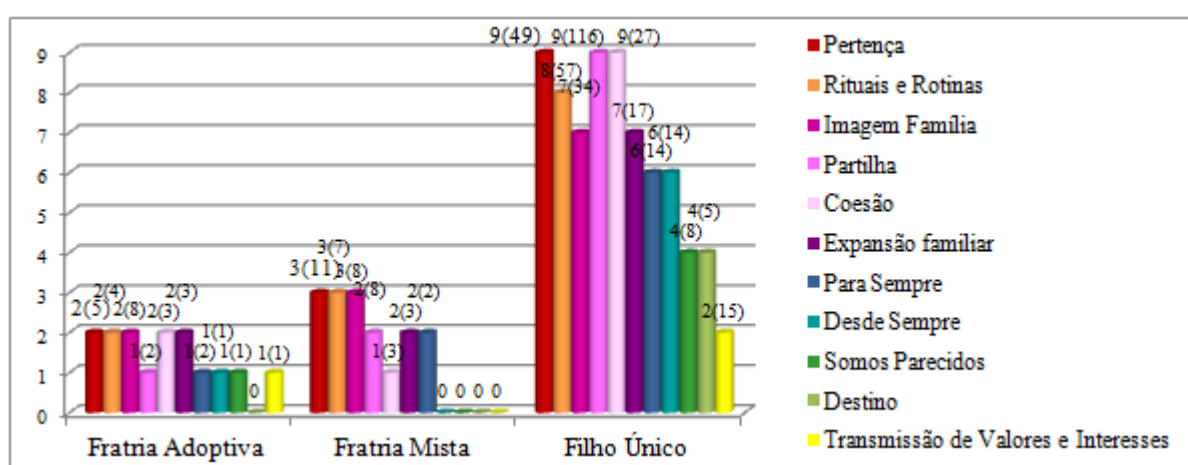


Gráfico 3. Comparação entre Fratrias Adoptivas, Fratrias Mistas e Filhos Únicos quanto aos Sentido de Família

Quais os principais fatores reconhecidos como Facilitadores do Nascimento do Sentido de Família?

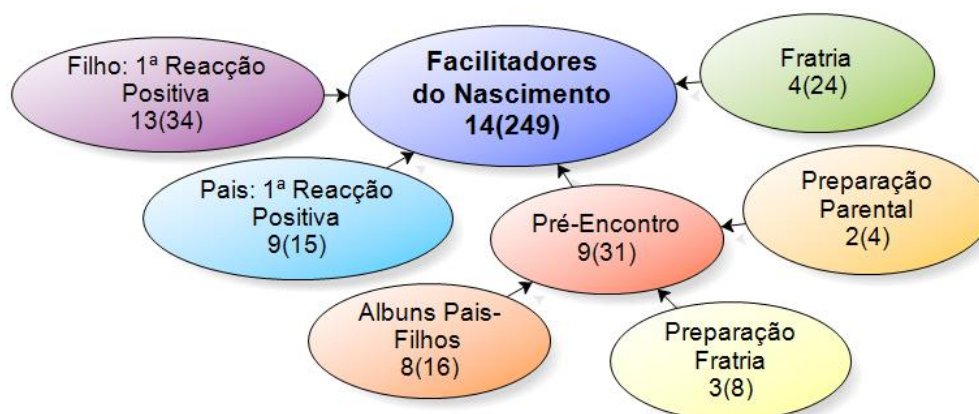


Figura 5. Fatores Facilitadores do Nascimento do Sentido de Família

Como se pode observar através do esquema apresentado, o principal fator referido como “Facilitador do Nascimento do Sentido de Família” é a “Primeira Reação Positiva do Filho”¹³ (13) que, de alguma forma, reflete o início da vinculação do filho aos novos pais, segundo Triseliotis, et al. (1997), uma das questões principais da filiação psicológica. De igual modo, a “Primeira Reação Positiva dos Pais”¹⁴ (9), também é tida como promotora do nascimento do sentido de família, sugerindo a formação de um laço afetivo e de um sentimento de pertença, os quais figuram das primeiras tarefas inerentes à parentalidade psicológica (Salvaterra, 2007). As tarefas desenvolvidas antes do encontro com o filho adotivo (“Pré-Encontro”¹⁵ (9)), também foram referidas pela maioria das famílias, e incluem os “Álbuns Pais-Filhos” (8), a “Preparação da Fratria” (3) e a “Preparação Parental” (2). De entre as famílias com fratrias, a maioria refere a Fratria¹⁶ (4) como um fator promotor da integração do novo filho, sendo que a formação de uma relação fraternal positiva é essencial para o bom funcionamento destas famílias.

No que diz respeito à comparação de “Casais” e “Singulares” quanto aos factores “Facilitadores do Nascimento do Sentido de Família”, todos apontam a “Primeira Reacção Positiva do Filho”, embora nem todos os casais apontem a “Primeira Reacção Positiva dos Pais”, como acontece com os singulares, onde não existe o suporte do conjuge, o que pode levar a uma maior necessidade de busca factores confirmatórios quanto ao sucesso da adoção. Por outro lado, a “Preparação Parental” só é referida por casais, o que pode estar associado ao

¹³ “(...) fomos buscar a B. à maternidade, ela nunca passou pela Santa Casa. Lembro-me que ela lançou os braços para nós. (risos)”

¹⁴ “Uma espécie quase de materialização de um sonho não é?”

A: Exacto, uma coisa, uma loucura, fiquei tão feliz! De a ver, tão linda...então essa é mesmo a primeira memória não é...”

¹⁵ “(...) e a imagem muito curiosa de ele estando no pátio, assim que nós chegámos à entrada do pátio, à porta, ele ter vindo a correr. Ou seja, claramente identificou estas duas caras com as caras que estão na fotografia, veio a correr, saltou-me para o colo e deu-me um grande abraço.”

¹⁶ “E quando nós entrámos na sala e ela veio ter connosco, foi muito esquiva com todos. Exceto com a irmã. A irmã é que conseguiu cativá-la, brincar com ela, etc.”

estigma social da monoparentalidade, que poderá levar estes pais singulares a evitarem ações de formação parental habitualmente frequentadas por famílias ditas tradicionais.

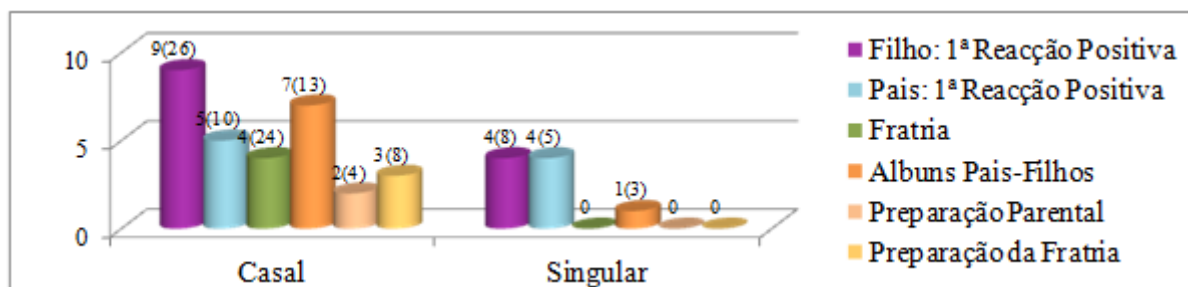


Gráfico 4. Comparação de Casais e Singulares quanto aos Fatores Facilitadores do Nascimento do Sentido de Família

Quanto à existência ou não de fratrias, e do tipo de fratrias, as famílias com fratrias adotivas não fazem referência à “Preparação Parental”, talvez por já terem experiências anteriores com filhos biológicos. Por outro lado, para as famílias com fratrias mistas, a “Fratria” parece ter mais importância do que a “Primeira Reação Positiva do Filho”, ao contrário do que acontece nas famílias com fratrias adotivas, verificando-se, uma vez mais, a importância do relacionamento entre irmãos nas famílias com fratrias mistas.

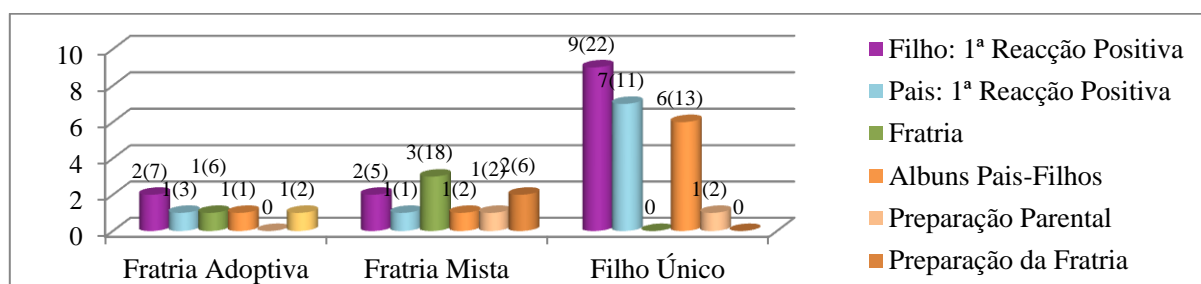


Gráfico 5. Comparação entre Fratrias Adotivas, Fratrias Mistas e Filhos Únicos quanto aos Fatores Facilitadores do Nascimento do Sentido de Família

Quais os principais fatores reconhecidos como Perturbadores do Nascimento do Sentido de Família?

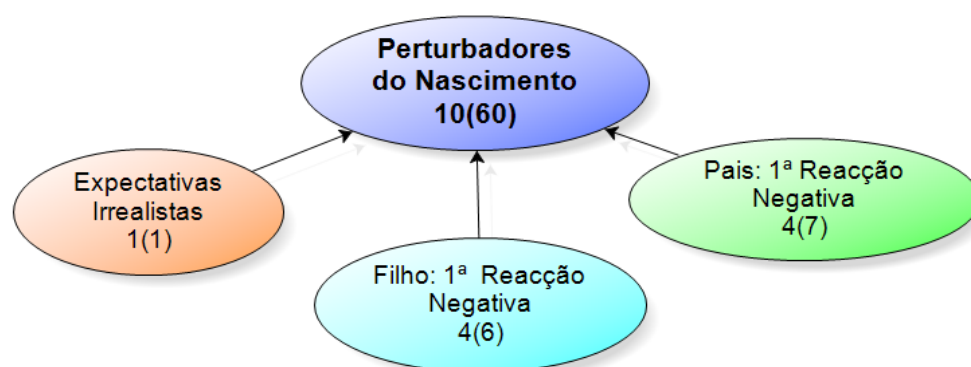


Figura 6. Fatores Perturbadores do Nascimento do Sentido de Família

Nem todas as famílias da amostra fizeram referência a fatores “Perturbadores do Nascimento do Sentido de Família” (10), indo ao encontro das conclusões apresentadas por Brodzinsky et al. (1998), que refere que os pais adotivos possuem, logo à partida, um conjunto de características capazes de os ajudar a dar respostas adequadas às questões relacionadas com a transição para a parentalidade adotiva. De entre os fatores referidos, destacam-se a “Primeira Reação Negativa do Filho”¹⁷ (4) e a “Primeira Reação Negativa dos Pais”¹⁸ (4), que, opondo-se às primeiras reações positivas, podem ser percebidas como ameaças ao estabelecimento da uma vinculação pais-filhos.

No que diz respeito a “Casais” e “Singulares”, não se verificam diferenças relevantes.

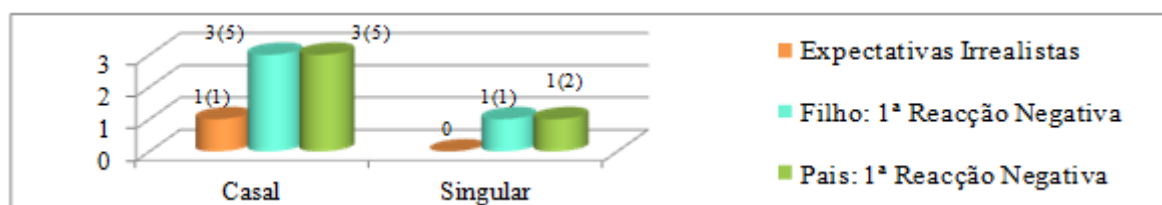


Gráfico 6. Comparação entre Casais e Singulares quanto aos Fatores Perturbadores do Nascimento do Sentido de Família

¹⁷ “Foi difícil dar-lhe um beijinho, foi preciso as técnicas cativarem-na com um jogo, etc., para ela se aproximar de nós.”

¹⁸ “E pronto ficámos com aquela percepção naquele primeiro dia que as coisas iam ser um bocado complicadas (...)”

Estes dados estão de acordo com as conclusões apresentadas Haugaard et al. (1999), onde se refere que, até ao momento, não se identificaram problemas associados à adoção monoparental.

De igual modo, no que diz respeito à existência ou não de fratrias e ao tipo de fratria, não se verificam diferenças significativas quanto aos fatores “Perturbadores do Nascimento do Sentido de Família”.

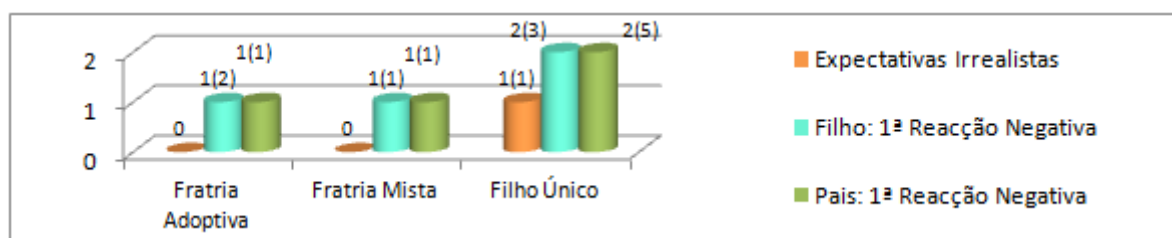


Gráfico 7. Comparação de Fratrias Adotivas, Fratrias Mistas e Filhos Únicos quanto aos Fatores Perturbadores do Nascimento do Sentido de Família

Quais os principais fatores reconhecidos como Facilitadores do Desenvolvimento do Sentido de Família?

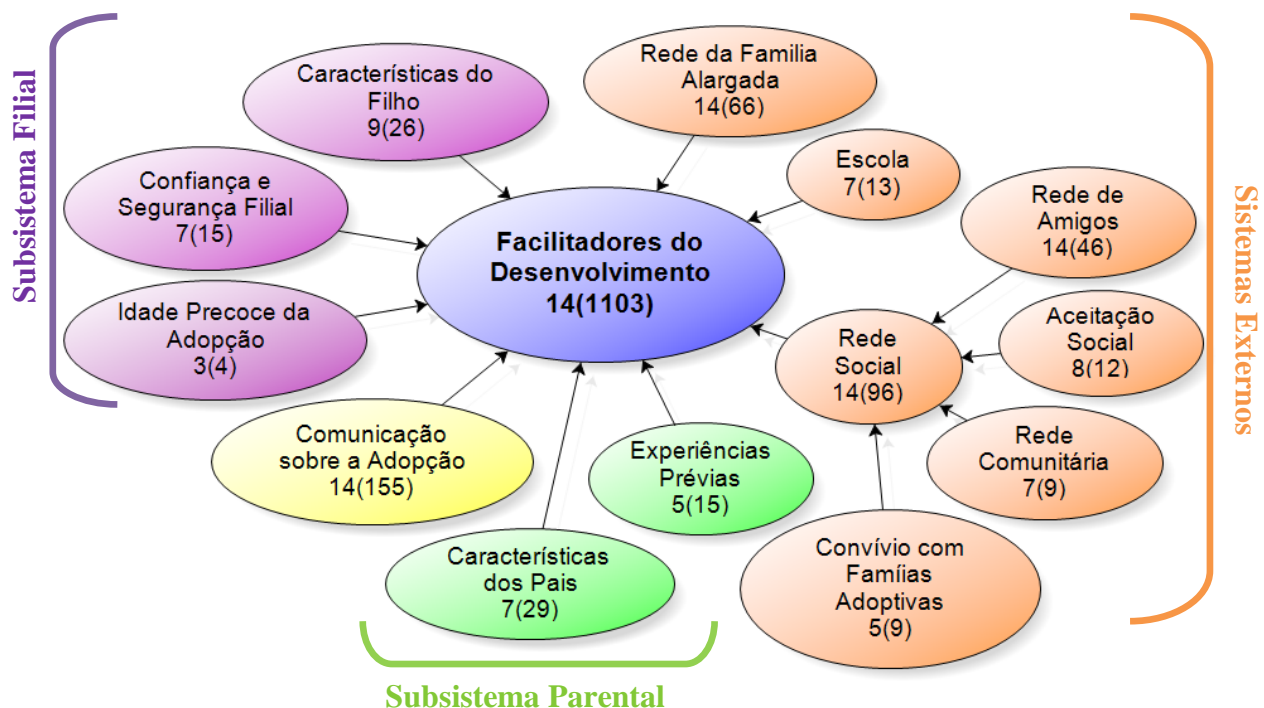


Figura 7. Fatores Facilitadores do Desenvolvimento do Sentido de Família

No que diz respeito aos fatores “Facilitadores do Desenvolvimento do Sentido de Família”, os mais referidos pelos pais da amostra são a “Comunicação sobre a Adoção” (14), a Rede da Família Alargada (14) e a Rede Social (14), onde se inclui a “Rede de Amigos” (14).

De modo a melhor compreender de que forma estes fatores influenciam o “Desenvolvimento do Sentido de Família”, estes podem ser agrupados em 3 grandes áreas: fatores relacionados com o subsistema filial, fatores relacionados com os subsistema parental e fatores relacionados com os sistemas exteriores à família nuclear (comparável ao “Contexto Social” do modelo de Belsky, 1984). A “Comunicação Sobre a Adoção” pode ser considerada como pertencente tanto ao subsistema filial como ao subsistema parental.

Assim, um dos fatores referidos por mais pais, no que diz respeito ao “Desenvolvimento do Sentido de Família”, é a “Comunicação Sobre a Adoção”¹⁹ (14), o que implica, para o filho, o conhecimento de ser adotado e o lidar com o sentimento de perda e rejeição por parte dos pais biológicos (Triseliotis et al., 1997), bem como a decisão de dar início ao processo de revelação, por parte dos pais adotivos, que deverão saber lidar com a curiosidade da criança em relação à sua família de origem (Brodzinsky et al., 1998).

Outros fatores apontados por todos os pais da amostra são a “Rede Social”²⁰ (14) (“Rede de Amigos” (14), “Rede Comunitária” (7), “Aceitação Social” (8) e “Convívio com Famílias Adotadas” (5)) e a “Rede da Família Alargada”²¹ (14), ou seja, a importância dos sistemas de apoio externos à família nuclear, incluídos tanto no modelo de Belsky (1984) como no modelo de Houghugh e Long (2004). A perceção desta dimensão social como facilitadora do desenvolvimento do “Sentido de Família” pode, ainda, relacionar-se com a ausência de

¹⁹ “Pronto, não escondemos, não vamos estar a dizer que ele não é adotado e que nasceu na barriga da mãe, porque depois acho que é um choque maior quando ele vier a descobrir a verdade, não é?”

²⁰ “Temos alguns amigos com crianças desta idade e quase surgem...e surgem naturalmente conversas, trocamos experiências...”

²¹ “Todos gostaram e ficaram muito satisfeitos e depois, ele gosta muito deles também. Porque ele pensa na família como a família.”

vivência do estigma social associado à adoção, tal como descrito por Singer et al (1985).

A adaptação do filho à “Escola”²² (7) e as interações dos pais com os professores e educadores, também são referidos como fatores facilitadores, pelo que a escola também surge como um meio externo de apoio para os pais adotivos.

De entre os fatores relacionados com o subsistema filial, o referido por mais pais é as “Características do Filho”²³ (9), o principal dos cinco pontos centrais relativos à situação de adoção, referidos por McGlone, et al (2002, cit. por Keagy, & Rall, 2007), e o qual se encontra presente no “Modelo de Determinantes da Parentalidade” de Belsky (1984).

A “Confiança e Segurança Filial”²⁴ (7) é referida por metade dos pais e tida como sinal de uma adaptação positiva e de de pertença, por parte da criança, tanto ao meio familiar como ao meio social, refletindo as teorias da vinculação em que a criança com uma vinculação segura se sente à vontade para se envolver em atividades de exploração na presença dos pais (Ainsworth, 1969).

Já no que diz respeito ao subsistema parental, as “Caraterísticas dos Pais”²⁵ (7) e as Experiências Prévias²⁶ (5) são pontos referidos que integram tanto a “História do Desenvolvimento” como a “Personalidade”, determinantes constantes do modelo de Belsky (1984), e os “Pré-Requisitos Operacionais” do modelo de Hoghughi e Long (2004).

No que diz respeito à comparação entre “Casais” e “Singulares”, nos casais, a integração e apoio da “Escola” e as “Caraterísticas dos Pais” são fatores referidos por mais pais do que as “Características do Filho”, ao contrário do que acontece nos singulares, onde as

²² “Tivemos muita sorte com a professora. Muita, muita sorte. Ah... Que foi muito recetiva a tudo o que lhe pedimos, desde... tratá-lo pelo nome futuro, pelos apelidos futuros e tudo isso, e... pronto, a ter uma atenção particular a uma ou outra questão... E correu muito bem.”

²³ “Mas ela era extremamente bem-disposta. (risos) A B. era um bebé muito bem-disposto, ia para toda a gente, na primeira semana esteve cá em casa.”

²⁴ “Portanto ela agora vai para aí fora, “isto é tudo nosso”, cá na zona não é? Vai, fala com este e com aquele, dos cafés e do não sei quê, da loja e papelaria e da mercearia...”

²⁵ “Sou a estrangeira perfeita. Eu sou diferente e digo-lhe (à T.): “Olha eu também sou diferente, somos todos, nesta família somos todos diferentes.”

²⁶ “Acho que também é um bocado da experiência que já tínhamos não de filhos mas de afilhados.”

“Caraterísticas do Filho” parecem ter mais peso, talvez devido à centralidade das responsabilidades parentais num único indivíduo, como é inevitável em famílias monoparentais. De igual modo, a “Rede Comunitária” também é referida por mais casais do que o “Convívio com Famílias Adotivas”, ao contrário dos singulares, pelo que os singulares parecem procurar mais apoio junto de famílias que tenham passado pela mesma experiência do que junto de outras redes comunitárias, talvez devido ao estigma acrescido de pertencerem a uma família, não só adotiva, como monoparental, o que poderá diminuir o apoio percebido.

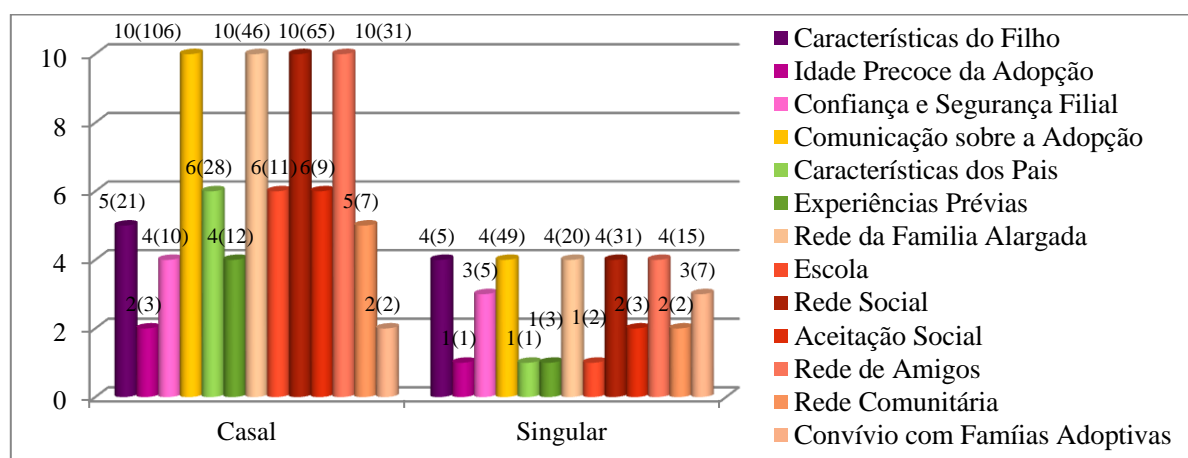


Gráfico 8: Comparação entre Casais e Singulares quanto aos Fatores Facilitadores do Desenvolvimento do Sentido de Família

Quanto à comparação entre fratrias, as famílias com fratrias adoptivas são as únicas que não fazem referência à “Confiança e Segurança Filial”, o que não acontece nos outros casos.

No que diz respeito ao subsistema parental, as “Caraterísticas dos Pais” são mais referidas do que as “Experiências Prévias”, tanto nas famílias com fratrias mistas como em famílias com um filho único, pelo que as famílias com fratrias adoptivas parecem dar igual importância a ambos os fatores. Esta diferença poderá ser explicada devido à experiência anterior que as famílias com fratrias adoptivas já possuem, no que diz respeito às tarefas específicas da adoção.

Quanto aos sistemas externos à família nuclear, a “Aceitação Social” é referida por todas as famílias com fratria mista, o que não acontece nos outros dois casos, pelo que parece que

estes pais dão mais importância ao que “os outros pensam” sobre o facto de terem adoptado uma criança, quando já existia um filho biológico. Por outro lado, apenas as famílias com filhos únicos fazem referência ao “Convívio com Famílias Adotivas”, como factor “Facilitador do Desenvolvimento do Sentido e Família”, parecendo, de igual modo, dar mais importância à “Rede Comunitária”, do que as restantes famílias, o que talvez indique que as famílias com fratrias tendem a procurar apoio nas relações intra-familiares.

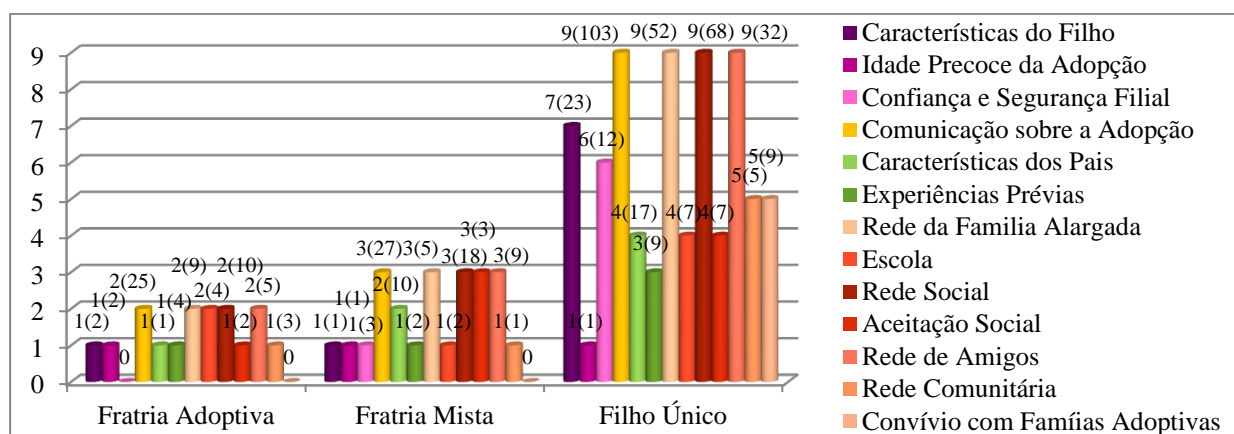


Gráfico 9. Comparação entre Fratrias Adotivas, Fratrias Mistas e Filhos Únicos quanto aos Fatores Facilitadores do Desenvolvimento do Sentido de Família

Quais os principais fatores reconhecidos como Perturbadores do Desenvolvimento do Sentido de Família?

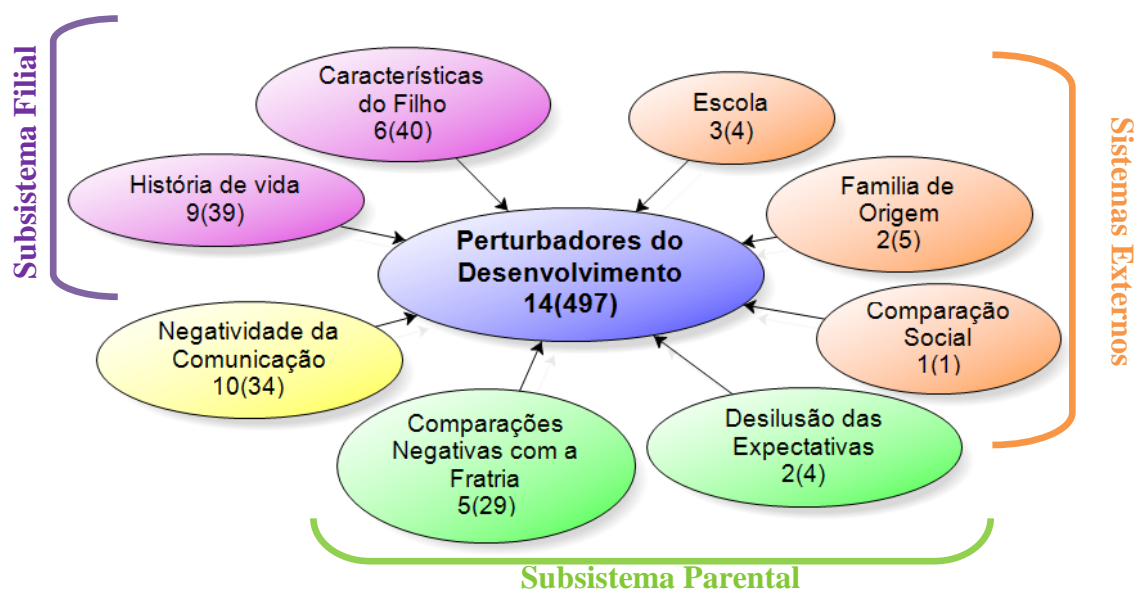


Figura 8. Fatores Perturbadores do Desenvolvimento do Sentido de Família

Tendo em conta os agrupamentos anteriormente definidos, no que diz respeito aos fatores “Perturbadores do Desenvolvimento do Sentido de Família”, o fator referido por mais pais é a “Negatividade da Comunicação”²⁷ (10), que inclui aspetos como “Comentários Negativos dos Pais” (7), “Evitamento de Conversas por parte dos Filhos” (6), “Conversas que Incomodam os Filhos” (6), “Evitamento da Revelação Social” (3), “Comentários Sociais Negativos” (2), “Segredos” (2), “Conversas que Incomodam os Pais” (1) e “Negação da Filiação Adotiva” (1). Nos casos referidos, a negatividade da “Comunicação” transforma-se, assim, em fator de stress, visto que uma “Comunicação” favorável ao desenvolvimento do “Sentido de Família” deverá ser aberta e apoiante, promovendo visões mais positivas dos intervenientes, aumentando a auto-estima e promovendo a sensação de auto-eficácia. (Bohanek, et al., 2006).

Depois das questões relacionadas com a “Comunicação”, os fatores mais apontados como “Perturbadores do Desenvolvimento do Sentido de Família” dizem respeito ao subsistema filial, onde o fator referido por mais pais é a “História de Vida”²⁸ (9) do filho adotivo. Esta pode incluir uma história pessoal e um passado, com vinculações anteriores a outras figuras de referência, muitas vezes desconhecidas para os pais adotivos, podendo, deste modo, interferir no funcionamento familiar e no ajustamento e vinculação pais-filhos (Rosenthal, 1993). Estas experiências anteriores podem, ainda, ser fonte de um sentimento de perda e rejeição, de um sentimento de não ter sido amado ou desejado pelos pais biológicos, o que pode ser uma experiência traumática e ter impacto na autoestima e autoconceito da criança, influenciando o clima relacional familiar (Salvaterra, 2007). Por outro lado, as “Características do Filho”²⁹ (6) são apontadas como fatores perturbadores por cerca de metade dos pais entrevistados, sendo estas resultado tanto do esquema genético individual como das

²⁷ “Não...quer dizer houve uma vez que disse-me: “a outra minha mãe”, já uma vez falou. Mas, eu acho que ela tenta apagar o passado, tenta esquecer.”

²⁸ “E ela lembra-se, ela um dia disse-me: “Na casa da minha mãe antiga ela tinha um namorado e era tudo muito pobre”.”

²⁹ “O sentimento de negativismo. Era o “não” a tudo, se nós queríamos ir para a direita ela queria ir para a esquerda...”

experiências intrínsecas à “História de Vida” da criança.

No subsistema parental, o aspeto mais referido é as “Comparações Negativas com a Fratria”³⁰ (5), para os casais com mais de um filho. A “Desilusão de Expectativas”³¹ (2) foi referida por uma minoria, pelo que se conclui que a maioria dos pais da amostra tinha expectativas realistas quanto ao processo de adoção.

Quanto aos sistemas externos à família nuclear, o fator referido por mais pais diz respeito a problemas relacionados com a “Escola”³² (3), embora esta, quando comparada com os dados anteriores, pareça ser mais um fator facilitador do que perturbador.

No que diz respeito à comparação de “Casais” e “Singulares”, os singulares só fizeram referência a dois fatores considerados como “Perturbadores do Desenvolvimento do Sentido de Família”: “Negatividade da Comunicação” e “História de Vida do Filho”, sendo a primeira considerada por mais pais do que a segunda, pelo que parece que as famílias monoparentais têm tendência a dar menos importância aos aspetos negativos relacionados com o subsistema parental e sistemas externos à família nuclear, focalizando a sua atenção nos fatores mais característicos e implícitos do processo de adoção.

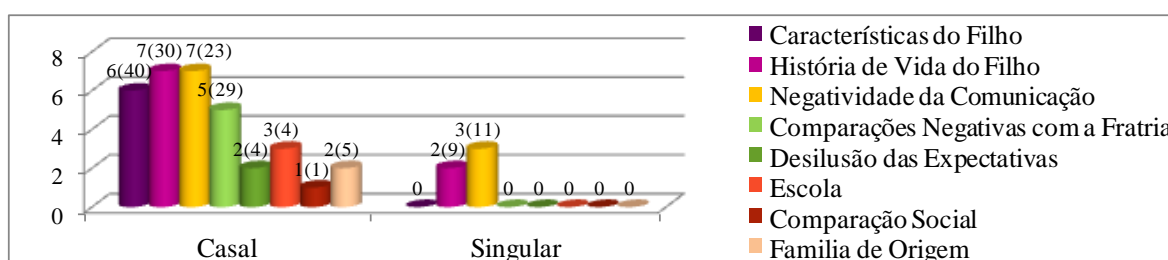


Gráfico 10. Comparação entre Casais e Singulares quanto aos Fatores Perturbadores do Desenvolvimento do Sentido de Família

No que diz respeito ao tipo de fratrias, os pais com filhos únicos parecem dar mais

³⁰ “O W. é mais frontal, a T. diz que sim ou não e depois não faz.”

³¹ “Eu não estava (à espera de tantas dificuldades).”

³² “Ele está abaixo da média da turma, tem melhorado muito. Ele só este ano, a meio do terceiro ano, é que está a ler assim seguido. Aquilo levou-o...foi complicado. Mas houve ali algumas coisas no processo escolar que também...”

importância à “Negatividade da Comunicação”, seguida da “História de Vida do Filho”, fatores que as famílias com fratrias consideram ter igual importância. As “Comparações Negativas com a Fratria” é outro fator referido por todos os pais com mais de um filho, sendo, para os pais com fratrias mistas, um fator mais prevalente do que a “Negatividade da Comunicação”, estabelecendo-se, assim, a diferença entre famílias com fratrias adotivas e fratrias mistas. Por outro lado, fatores como a “Desilusão de Expectativas”, a “Comparação Social” e os problemas relacionados com a “Família de Origem” só são referidos pelos pais com fratrias mistas, apontando para níveis de stress mais elevados nestas famílias do que nas restantes.

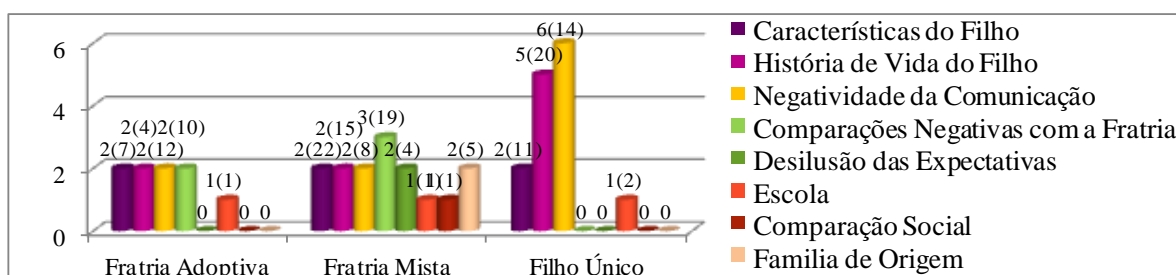


Gráfico 11. Comparação entre Fratrias Adotivas, Fratrias Mistas e Filhos Únicos quanto aos Fatores Perturbadores do Desenvolvimento do Sentido de Família

Quais os principais fatores reconhecidos como Facilitadores da Parentalidade?

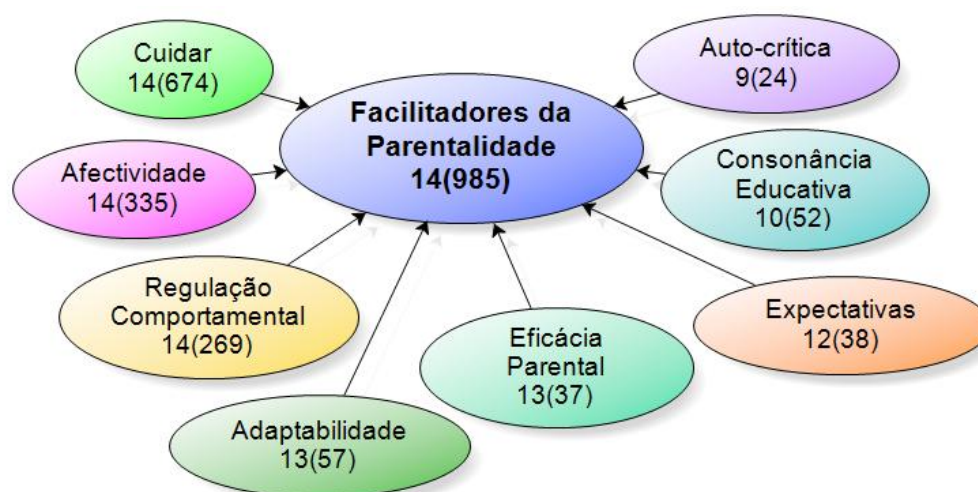


Figura 9. Fatores Facilitadores da Parentalidade

No que diz respeito à Parentalidade, todos os pais da amostra identificam como principais fatores facilitadores da sua ação parental o Cuidar³³ (14), a Afetividade³⁴ (14) e a Regulação Comportamental³⁵ (14).

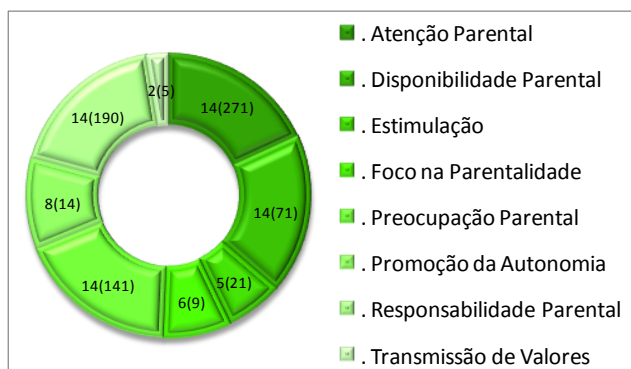


Gráfico 12. Aspetos do “Cuidar”

O “Cuidar” surge, então, como um dos fatores determinantes da parentalidade, integrando aspectos como a “Atenção” (14), a “Preocupação” (14), a “Responsabilidade” (14) e a “Disponibilidade Parental” (14). São

referidos, ainda, a “Promoção da Autonomia” (8), o “Foco na Parentalidade” (6), a “Estimulação” (5) e a “Transmissão de Valores” (2). Estes são aspetos que integram a dimensão das “Atividades Parentais” do modelo de Hoghughi & Long (2004), nomeadamente, relacionadas com o “Cuidado” e “Desenvolvimento” da criança.

No que diz respeito à dimensão da “Afetividade”, esta inclui aspetos como a “Afetividade Pais-Filhos” (13), a “Empatia” (13), o “Orgulho Parental” (7), e a “Centralidade da Mãe” (5). Aspetos estes que vão de encontro ao defendido

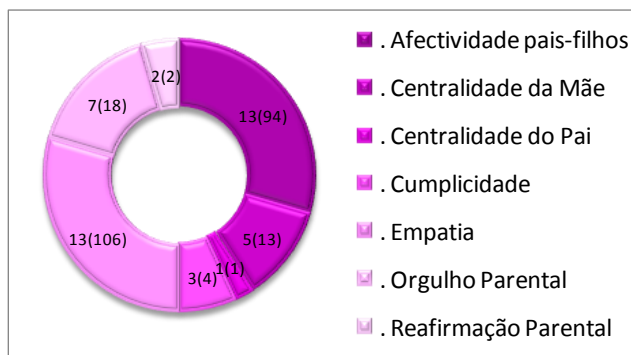


Gráfico 13. Aspetos da “Afetividade”

por Schettini (2006), segundo o qual, devido à inexistência de uma ligação biológica, os afetos assumem uma grande importância no estabelecimento de uma relação pais-filho, em famílias adotivas. O cuidado emocional é, ainda, um dos fatores referidos no modelo de

³³ “É daquela...os primeiros dias não se dorme, não se come, vive-se exclusivamente para se estar em torno da B., foi assim muito intenso.”

³⁴ “Está sempre a dizer: “Beijinho, beijinho”, “Nós vamos embora”, “Quero mais um beijinho, quero mais um beijinho, vem-me dar mais um beijinho!”. Não gosta que agente se vá embora, odeia.”

³⁵ “ Se está sentado e continua com birra, eu digo-lhe “Enquanto não acabares com a birra e não estiveres sossegado, ficas aí!””

parentalidade de Hoghugh e Long (2004), integrando a dimensão das “Atividades Parentais”.

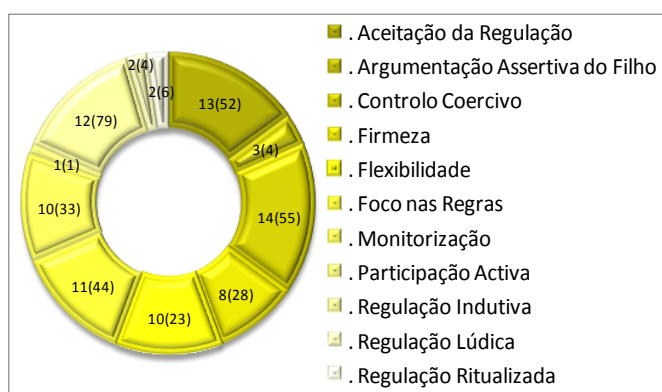


Gráfico 14. Aspectos da “Regulação Comportamental”

A “Regulação Comportamental”, também incluída no modelo de parentalidade de Hoghugh e Long (2004) na dimensão “Controlo e Disciplina”, aborda, principalmente, aspetos como o “Controlo Coercivo”

(14), “Aceitação da Regulação” (13),

“Regulação Indutiva” (12), “Foco nas Regras” (11), “Flexibilidade” (10), “Monitorização” (10) e “Firmeza” (8). Verifica-se, assim, que a maioria dos pais da amostra dá uma grande importância às regras e ao controlo do comportamento dos filhos, sendo o estabelecimento de regras parentais e a criação das regras de funcionamento da nova família uma das principais tarefas integrantes na transição para a parentalidade. Assim, todas as famílias da amostra referem aspetos relacionados com o “Controlo Coercivo”, embora este surja mediado por uma “Regulação Indutiva” e pela “Flexibilidade”. A maior parte dos pais refere, ainda, que os filhos “Aceitam a Regulação” que lhe é imposta.

São ainda fatores referidos pelos pais a “Adaptabilidade”³⁶ (13), a “Eficácia Parental”³⁷ (13), as “Expetativas”³⁸ (12), a “Consonância Educativa”³⁹ (10) e a “Autocrítica”⁴⁰ (9), que integram a dimensão dos “Pré-Requisitos Operacionais” do modelo de parentalidade de Hoghugh e Long (2004).

³⁶ “Modificou tudo (risos)! Antigamente, que eu...agora tenho pensado na Ana e depois penso em mim. Não há outra maneira de fazer. Tenho que arrumar a vida da Ana e depois então lá faço aquilo que eu posso. E é tudo um bocadinho em função dela...”

³⁷ “Não. Eu acho que nós fomos resolvendo bem as birras dele.”

³⁸ “Eu acho que nós tivemos tanta sorte com o J.... É assim, nós estávamos preparados para uma série de problemas que na realidade nunca aconteceram.”

³⁹ “Eu acho que raramente... nunca aconteceu... nós não estarmos de acordo...”

⁴⁰ “Tenho aprendido imensas coisas, porque eu já vi que tinha uma postura...se calhar não sou uma pessoa muito flexível relativamente ao trato e já vi que com ela tem de ser assim (...)”

No que diz respeito às “Expectativas” estas integram “Expectativas Positivas” (10), “Expectativas Superadas” (3), “Convergência de Expectativas” (3), “Expectativas Negativas não Verificadas” (3) e “Inexistência de Expectativas” (2),

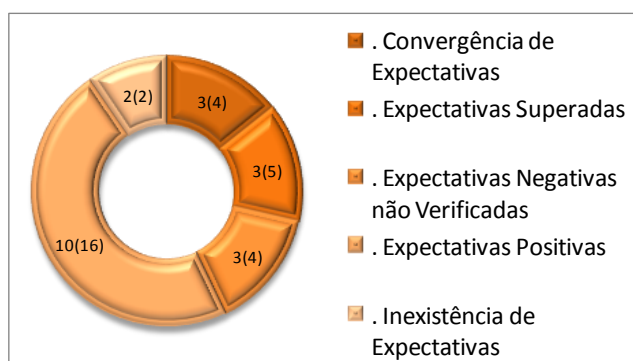


Gráfico 15. Aspectos das “Expectativas”

indo ao encontro do referido por Brodzinsky et al. (1998), em que, na maior parte das vezes, os pais adotivos têm expectativas bastante positivas quanto ao efeito que um filho adotivo pode ter na sua vida familiar e pessoal.

Quanto à comparação entre “Casais” e “Singulares”, embora todos os singulares refiram a “Adaptabilidade” e a “Eficácia Parental” como fatores “Facilitadores da Parentalidade”, o mesmo já não acontece para os casais, onde talvez a partilha das tarefas parentais dilua um pouco a importância percebida dos fatores mencionados. Por outro lado, os casais parecem dar mais importância às “Expectativas”, ao contrário dos singulares.

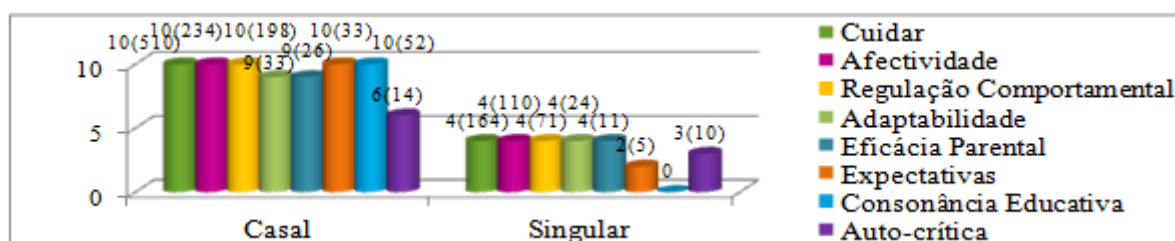


Gráfico 16. Comparação entre Casais e Singulares quanto aos Fatores Facilitadores da Parentalidade

Quanto à comparação entre famílias com “Fratrías Mistas”, “Fratrías Adotivas” e “Filhos Únicos”, nem todos os pais com filhos únicos referem fatores como a “Adaptabilidade”, a “Eficácia Parental”, as “Expectativas” e a “Consonância Educativa”, como acontece em famílias com mais de um filho. De igual modo, as famílias com um filho único parecem dar mais importância à “Autocrítica” do que à “Consonância Educativa”, o oposto das famílias com fratrias mistas, onde aspetos que promovam a coesão familiar, como a “Consonância Educativa” parecem ser mais valorizados do que aspetos mais individuais, como a

“Autocrítica”.

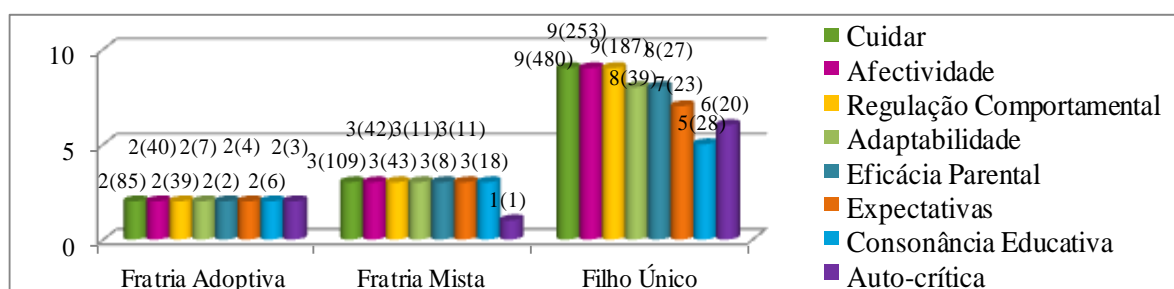


Gráfico 17. Comparação entre Fratrias Adotivas, Fratrias Mistas e Filhos Únicos quanto aos Fatores Facilitadores da Parentalidade

Quais os principais fatores reconhecidos como Perturbadores da Parentalidade?

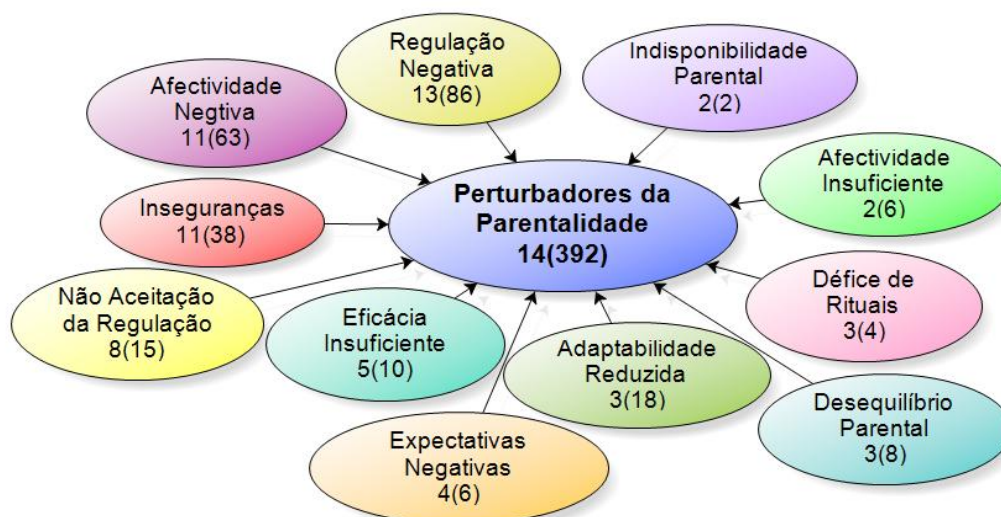


Figura 10. Fatores Perturbadores da Parentalidade em famílias adotivas

Como Fatores Perturbadores da Parentalidade, a maior parte dos pais da amostra refere a “Regulação Negativa”⁴¹ (13), que inclui o “Controlo Coercivo” Físico (11) e o “Controlo Psicológico”

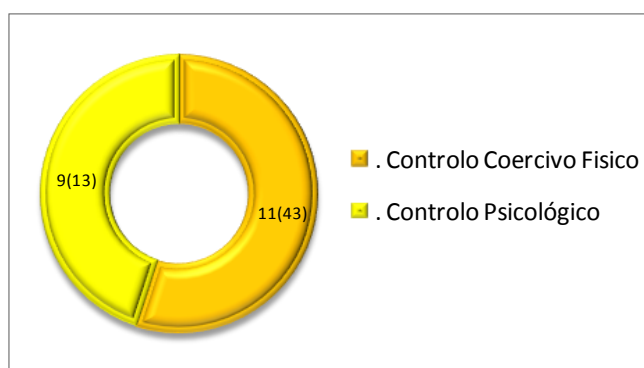


Gráfico 18. Aspectos da “Regulação Negativa”

⁴¹ “Eu agarrei nela ao colo, levei-a para um canto e dei-lhe duas palmadas no rabo com muita força, ela parou de gritar e pronto.”

(9), fatores que, segundo Ceconello et al. (2003) têm, habitualmente, um impacto negativo no desenvolvimento da criança, em oposição à aplicação de estratégias indutivas.

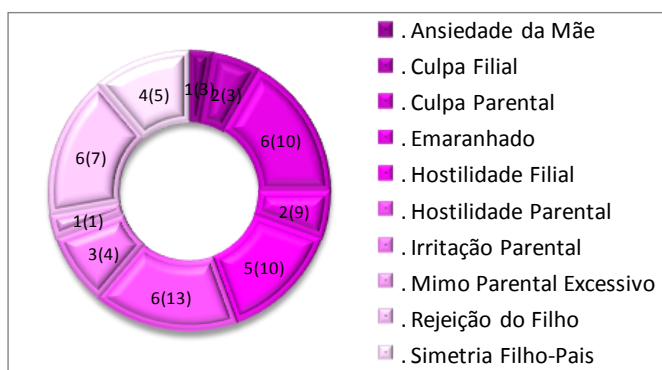


Gráfico 19. Aspectos da “Afetividade Negativa”

A “Afetividade Negativa”⁴² (11) também é apontada pela maioria dos pais, integrando aspetos como a “Culpa Filial” (6), “Hostilidade Parental” (6), “Rejeição do Filho” (6) e “Hostilidade Filial” (5), pelo que a maioria destes

aspetos encontra-se diretamente relacionada com dificuldades associadas aos processos de vinculação.

As “Inseguranças”⁴³ (11) é outro dos fatores mais referidos, onde se destaca o “Medo da Rejeição” (6), a “Ansiedade Filial” (5) e o “Medo de Não-aceitação do Filho” (4), visto que a primeira tarefa inerente à parentalidade psicológica é a

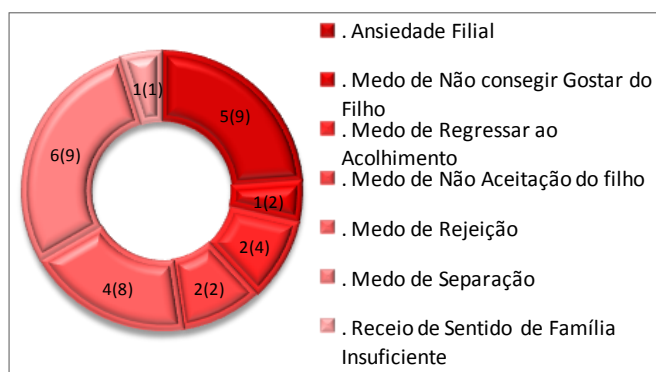


Gráfico 20. Aspectos das “Inseguranças”

formação de um laço afetivo e de um sentimento de pertença (Salvaterra, 2007).

Outros fatores referenciados passam pela “Não-aceitação da Regulação”⁴⁴ (8), “Eficácia Insuficiente”⁴⁵ (5), “Expetativas Negativas”⁴⁶ (4), “Adaptabilidade Reduzida”⁴⁷ (3),

⁴² “Resiste muito, que é pior para ele e para mim. Depois o castigo é pior, eu às vezes chego a pensar que sou cruel com o meu filho...mas isto realmente, não pode. Não pode atirar com brinquedos, ele não pode dar pontapés nos gatos, ele não pode...”

⁴³ “(...) por exemplo ela está constantemente a perguntar-me: “Tu gostas muito de mim?””.

⁴⁴ “Mas a B. reage muito mal a esse tipo de interferência. “Mas porquê que hás-de ir ver os meus cadernos?””

⁴⁵ “É horrível. É muito desgastante porque, a certa altura, não temos argumentos e depois ele tem tendência a responder e, às vezes, nós também temos tendência a responder ao que ele diz e não pode ser, porque senão aquilo não pára e não se consegue.”

⁴⁶ “E pronto ficámos com aquela percepção naquele primeiro dia que as coisas iam ser um bocado complicadas porque...”

⁴⁷ “(...) é que a minha condição de repente mudou. Nós fazíamos o que nos apetecia e de repente deixámos de poder fazer o que nos apetecia e eu tive alguma dificuldade em ultrapassar isso (...)”

“Desequilíbrio Parental”⁴⁸ (3), “Défice de Rituais”⁴⁹ (3), “Afetividade Insuficiente”⁵⁰ (2) e “Indisponibilidade Parental”⁵¹ (2).

Desta forma, verifica-se, uma vez mais, que, à semelhança do que acontece para os fatores “Facilitadores da Parentalidade”, os fatores referenciados por mais pais, como perturbadores, se enquadram na dimensão das “Atividades Parentais”, nomeadamente, do “Controlo e Disciplina”. Em segundo plano, surgem os fatores relacionados com os “Pré-Requisitos Operacionais”, como sejam os “Conhecimentos e Compreensão”, os “Recursos” e as “Oportunidades” do modelo de Hoghugh e Long (2004).

No que diz respeito às diferenças entre “Casais” e “Singulares”, os singulares não fazem referência a questões relacionadas com a “Adaptabilidade Reduzida”, o “Défice de Rituais”, a “Afetividade Insuficiente” e a “Indisponibilidade Parental”, parecendo ter uma visão mais positiva das suas competências parentais do que os casais.

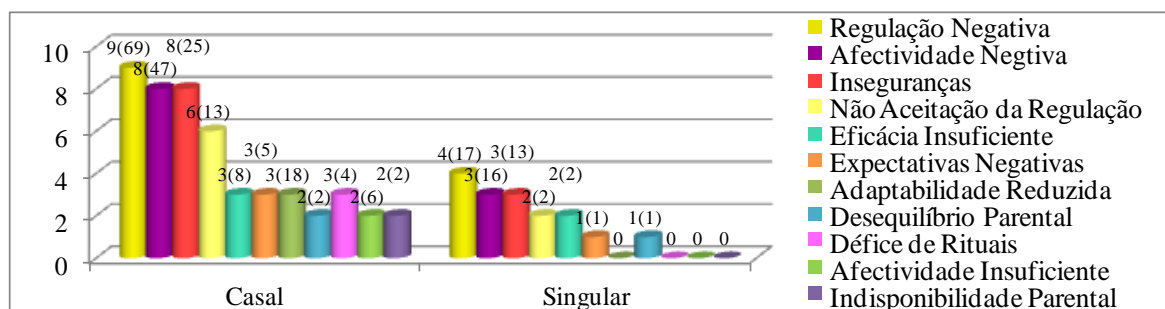


Gráfico 21. Comparação entre Casais e Singulares quanto aos Fatores Perturbadores da Parentalidade

Quanto às diferenças entre “Fratrías”, os pais com fratrias mistas parecem dar mais importância às “Inseguranças” do que à “Afetividade Negativa”, ao contrário dos pais com fratrias adotivas, sendo que os que só têm um filho equiparam os dois fatores. De igual modo, parecem ter mais “Expectativas Negativas” do que a perceção de uma “Eficácia Insuficiente”,

⁴⁸ “Às vezes erradamente digo “Olha que eu não sou o teu pai”, “e se digo não faço, eu não faço mesmo!””

⁴⁹ “Este ano ainda não fizemos a festa de anos do W., também não fizemos da T...”

⁵⁰ “Eu, que sou muito ligado a crianças, às vezes vou na rua e uma criança vê, e salta, e corre, e vai para o colo e não sei quê... Era o que eu esperava da L., e isso não aconteceu.”

⁵¹ “E depois o pai é mesmo só à noite, porque o pai, porque o pai como agora sai mais cedo, é só mesmo aquele bocadinho à noite.”

ao contrário dos pais com filhos únicos, onde as questões relacionadas com a eficácia parental parecem pesar mais, aspetos que os pais com fratrias adotivas nem referenciam, talvez devido à sua experiência anterior com uma situação de adoção. Já no que diz respeito a questões relacionadas com a “Não-aceitação da Regulação”, a maioria dos pais com fratrias relata episódios desta natureza, enquanto o mesmo só acontece para metade dos pais com filhos únicos, pelo que talvez a existência de um só filho facilite a regulação comportamental por parte dos pais. As famílias com fratrias mistas não fazem referência a “Indisponibilidade Parental”, como acontece nas outras famílias. Por outro lado, as famílias com um filho único não relatam “Afetividade Insuficiente”, ao contrário das restantes, que, por terem mais de um filho, talvez percecionem um relacionamento pais-filho menos envolvente.

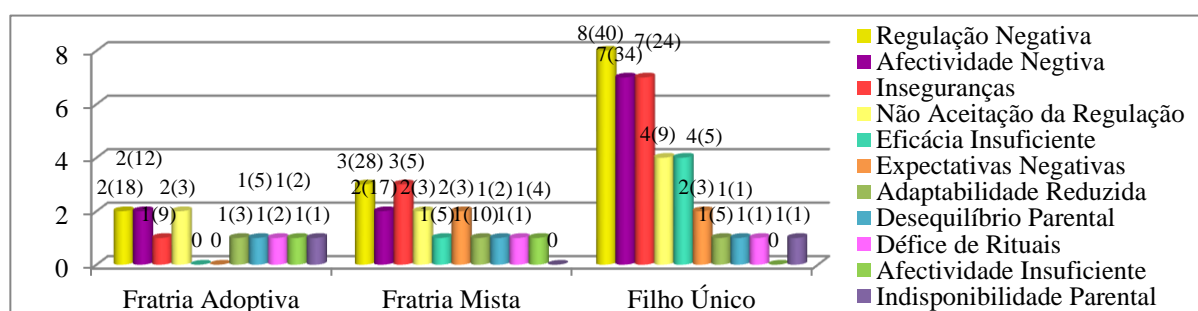


Gráfico 22. Comparação entre Fratrias Adotivas, Fratrias Mistas e Filhos Únicos quanto aos Fatores Perturbadores da Parentalidade

4. Conclusão

O presente capítulo destina-se a uma reflexão final sobre os resultados obtidos, apontando-se, ainda, algumas limitações inerentes a este estudo exploratório, bem como as suas possíveis implicações futuras.

Assim, de acordo com os relatos das famílias adotivas que participaram deste estudo, pode-se concluir que, de um modo geral, os pais, independentemente da sua estrutura familiar, percebem a adaptação dos seus filhos adotivos como uma experiência, de modo geral, positiva. Embora a estas famílias seja pedido que superem um conjunto de fatores, potencialmente indutores de stress, com os quais as restantes famílias não têm de lidar, os pais parecem considerar que as questões inerentes à parentalidade e filiação psicológica foram, na sua maioria, resolvidas sem grandes dificuldades, demonstrando que estas famílias possuem, à partida, as competências necessárias para serem capazes de lidar com as questões específicas da adoção.

Na própria voz destes pais, o “Sentido de Família” é descrito como um conjunto de fatores que se podem agrupar em três dimensões distintas: Dimensão Organizacional (incluindo aspetos como o número de membros da família, seus papéis e a imagem que a família, como um todo, passa para o exterior), Dimensão dos Afetos (que se centra em pontos como a noção de pertença e de partilha, o estabelecimento de rituais e rotinas, e a coesão/união familiar) e a Dimensão Temporal (ou seja, a noção de que a filiação e a parentalidade adotiva não difere da filiação e parentalidade biológica, sendo para sempre).

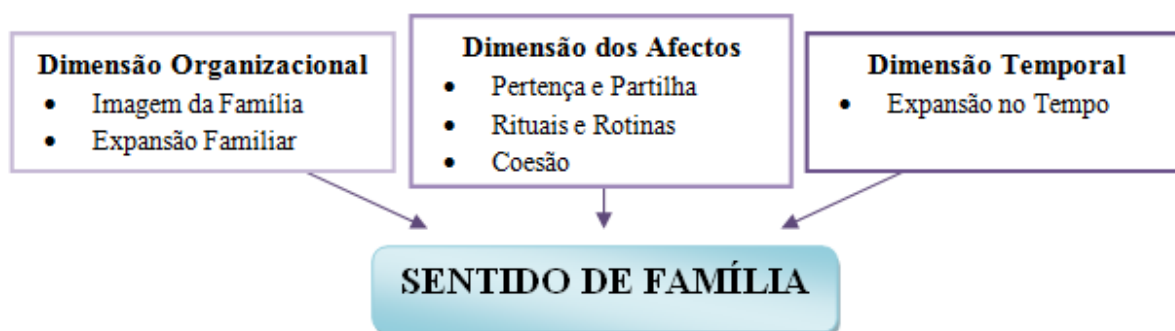


Figura 11. Determinantes do Sentido de Família

O “Sentido de Família” é, então, algo comum a todas as famílias, que se vai formando à medida que a família vai avançando no seu ciclo de vida e que leva os seus membros a desenvolverem, tanto uma nova identidade pessoal, o “eu dentro da família”, como uma nova identidade coletiva “a família a que pertenço e que me pertence”. Para as famílias adotivas, desprovidas de laços de sangue e partilha de material genético, o “Sentido de Família” parece iniciar-se antes da chegada do filho, fase apelidada de “gestação psicológica” por alguns investigadores (Schettini, 2006), e assume um peso ainda mais preponderante a partir do momento em que a criança adotada chega ao novo lar. A partir desse momento, a “Parentalidade” assume um papel de suma importância, influenciando a relação que se estabelece entre pais e filhos e a qual determina o “Sentido de Família” partilhado por todos.

Assim, com base nos dados recolhidos através das entrevistas levadas a cabo, distinguem-se tanto fatores facilitadores como perturbadores do nascimento e desenvolvimento do “Sentido de Família” e, mais especificamente, da “Parentalidade”, os quais, de acordo com a *Grounded Theory* que serviu de base para este estudo, foram agrupados em dois modelos síntese.

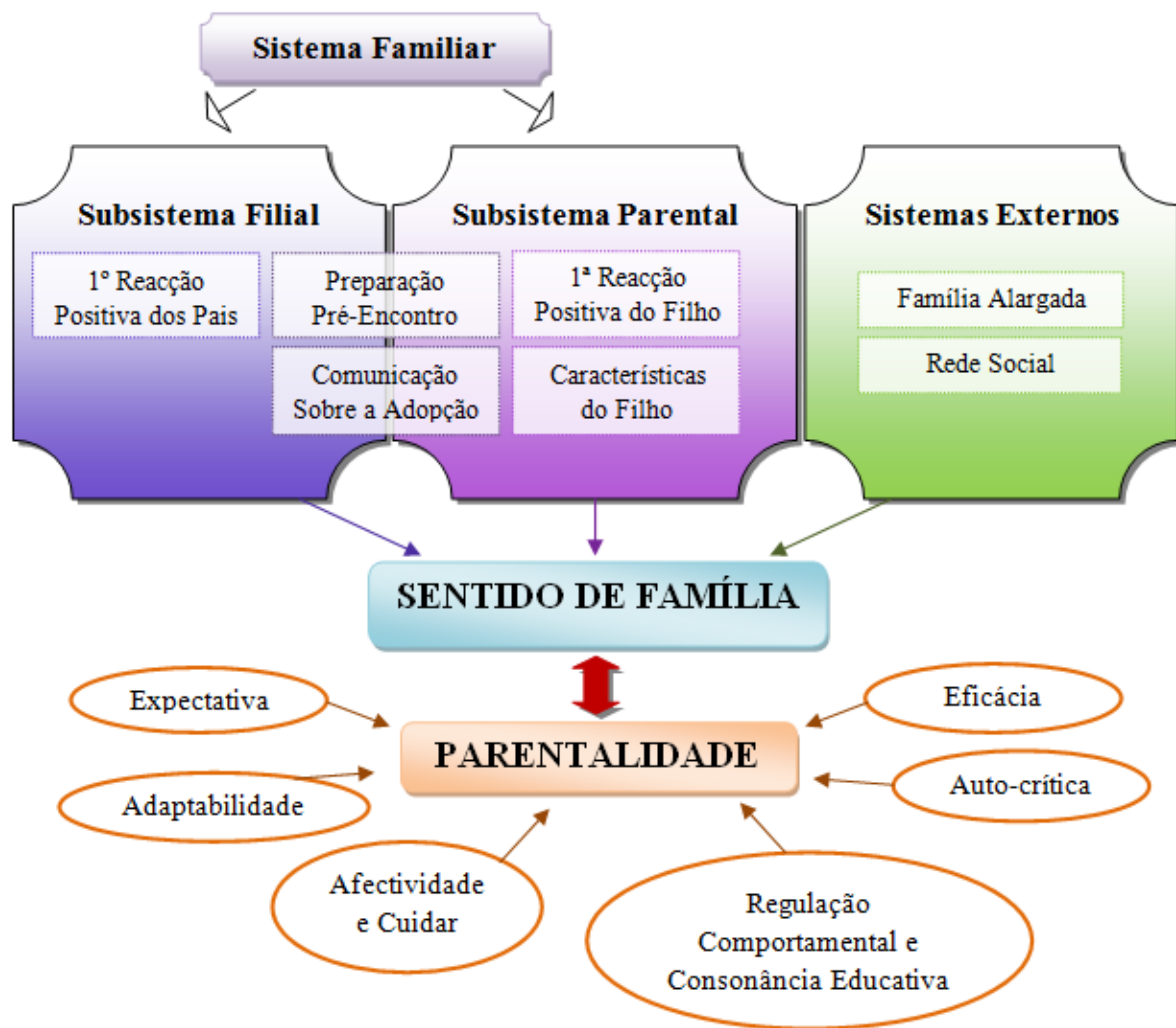


Figura 12. Modelo Síntese dos Fatores Facilitadores do Sentido de Família e da Parentalidade

No que diz respeito aos fatores facilitadores do “Sentido de Família”, dentro do sistema familiar, a maioria dos pais aponta a preparação pré-encontro, as primeiras reações positivas, as características do filho e a comunicação sobre a adoção. Os pais adotivos referem, ainda, a importância do apoio externo, nomeadamente da família alargada e da rede social. No que diz respeito à parentalidade, a maioria dos pais aponta fatores relacionados com a afetividade, o cuidar e a regulação comportamental. Como “Pré-requisitos” para uma parentalidade positiva, os pais referem as expectativas positivas, a adaptabilidade, a eficácia e a autocrítica.

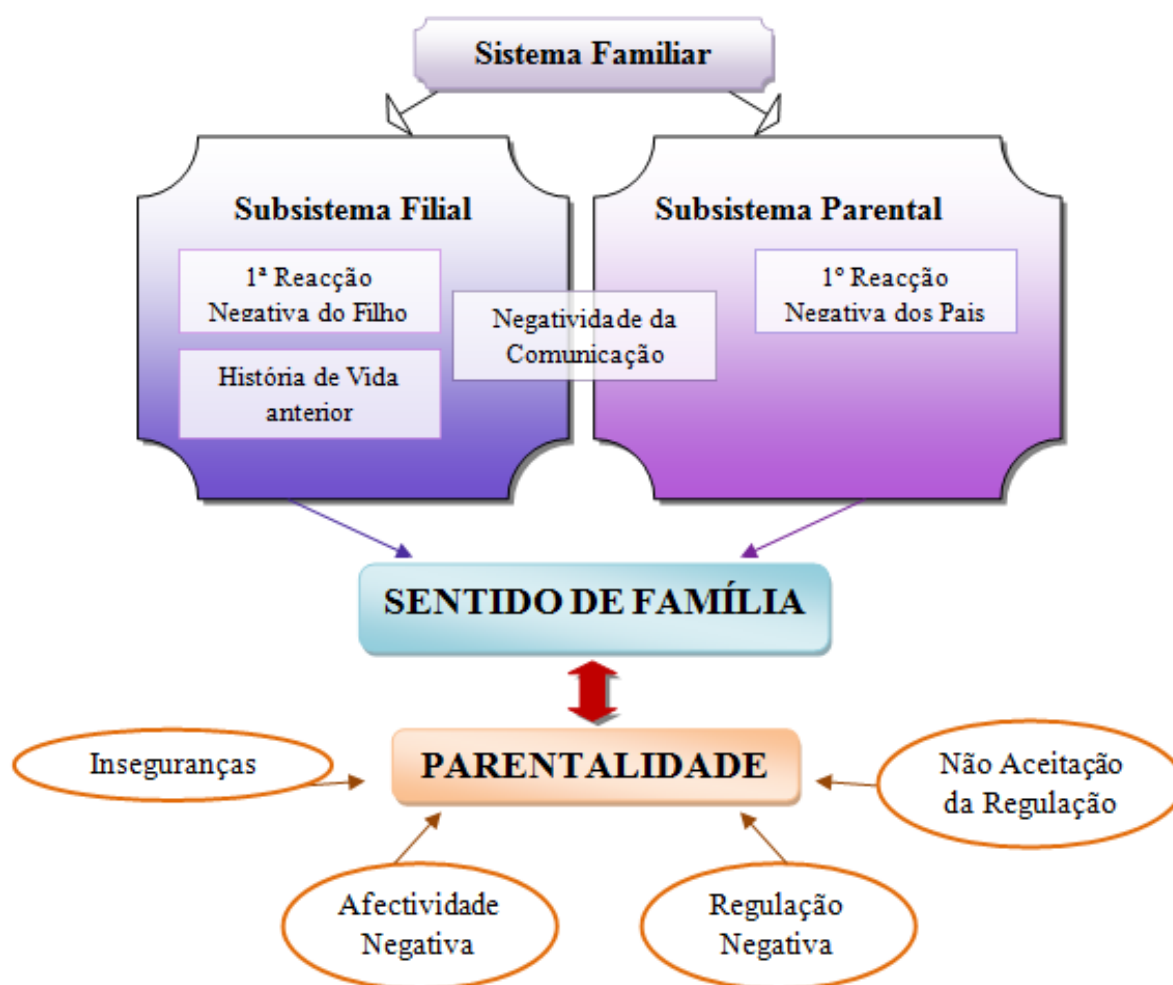


Figura 13. Modelo Síntese dos Fatores Perturbadores do Sentido de Família e da Parentalidade

Quanto aos fatores perturbadores do nascimento e desenvolvimento do sentido de família, os pais adotivos referem a história de vida anterior do filho, as primeiras reacções negativas e a negatividade da comunicação. No que diz respeito à parentalidade, apontam o peso das inseguranças, tanto parentais como filiais, a afectividade negativa, a regulação negativa, nomeadamente através de métodos coercivos, e a não-aceitação da regulação por parte dos filhos, incidindo uma vez mais em aspetos do foro afetivo e dos estilos parentais.

No que diz respeito à comparação entre “Casais” e “Singulares” (ver anexo 2), os singulares parecem dar mais importância a aspetos relacionados com a partilha, a coesão e a imagem da família, do que os casais. Por outro lado, os casais parecem dar mais importância

às questões relacionadas com a preparação pré-encontro. No que diz respeito aos fatores promotores do “Sentido de Família”, não se observam diferenças relevantes, embora o mesmo já não aconteça para os aspetos relacionados com a “Parentalidade”, onde os casais parecem dar mais importância às expectativas do que os singulares, e os singulares focalizarem-se mais na adaptabilidade e na eficácia, do que os casais. Quanto aos aspetos perturbadores do “Sentido de Família”, uma vez mais, não se observam diferenças significativas, embora a nível da “Parentalidade”, os casais refiram mais vezes episódios relacionados com a não-aceitação da regulação, enquanto os singulares apontam mais situações de regulação negativa. De um modo geral, pode-se concluir que o “Sentido de Família” forma-se e desenvolve-se da mesma forma, independentemente da estrutura familiar, pelo que as diferenças se centram nos processos relacionados com o assumir da parentalidade, onde se verificam alguns ajustes ao facto de, no caso das famílias singulares, haver apenas um adulto responsável pela gestão e organização da educação e formação filial.

De acordo com as diferenças observadas entre famílias com fratrias adotivas, fratrias mistas e filhos únicos (ver anexo 2), verifica-se que as famílias com fratrias (mistas e adotivas) referem menos episódios de partilha do que as que só têm um filho. Por outro lado, as famílias com filhos únicos parecem dar menos importância aos rituais e rotinas e à imagem da família, do que as restantes. As famílias com fratrias mistas apontam menos coesão e menos noção de expansão familiar que as restantes, sendo as famílias com fratrias adotivas que demonstram mais perceção do alargamento familiar, enquanto a expansão do sentido de família no tempo é mais referida por pais com filhos únicos. Quanto aos aspetos facilitadores do “Sentido de Família”, as famílias com fratrias adotivas e com filhos únicos parecem dar mais importância à primeira reação positiva do filho, do que as famílias com fratrias mistas. A preparação pré-encontro é menos referida por pais com fratrias adotivas e a primeira reação positiva dos pais parece ter mais importância para as famílias com um filho único do que para

as restantes. De entre as famílias com mais de um filho, todos os pais que têm fratrias mistas apontam a importância dos irmãos, no desenvolvimento do “Sentido de Família”, o que já não acontece nos pais com fratrias adotivas. As características dos filhos adotivos são mais referidas por pais com filhos únicos do que por pais com fratrias. Quanto à “Parentalidade”, famílias com filhos únicos referem menos aspetos relacionados com a consonância educativa, expectativas, adaptabilidade e eficácia, e as famílias com fratrias mistas são as que referem menos autocrítica. Já para os fatores perturbadores do “Sentido de Família”, os pais com famílias adotivas parecem dar mais importância à história de vida anterior dos filhos e à negatividade da comunicação, do que as restantes famílias. De igual modo, referem mais afetividade negativa e não-aceitação da regulação, como fatores perturbadores da “Parentalidade”. As famílias com filhos únicos apontam menos regulação negativa que as restantes, enquanto as famílias com fratrias mistas referem mais inseguranças.

De acordo com estes dados, conclui-se que, ao contrário do que acontece com os casais e pais singulares, existem algumas diferenças marcantes no que diz respeito ao número de filhos e à origem dos mesmos, diferenças essas que necessitam de ser alvo de um estudo mais extenso e profundo.

4.1. Limitações do Estudo

Como limitações do estudo há que referir, em primeiro lugar, o número reduzido da amostra utilizada, o que limita a validade das conclusões retiradas. De igual modo, os subgrupos criados dentro da amostra deveriam ter o mesmo número de participantes, de modo a proporcionar comparações mais reais e fidedignas. Aponta-se, ainda, o método de seleção da amostra que, por ser de conveniência, implica a presença de diversas variáveis não controladas, as quais vão desde o meio socioeconómico e académico, à própria vivência familiar, partindo-se do princípio que há uma tendência natural para que sejam as famílias

funcionais e, de um modo geral, satisfeitas com a sua experiência de adoção, quem mais se voluntaria como participante de investigações, o que resulta num enviesamento dos resultados.

Quanto ao processo de análise dos dados, aponta-se a necessidade de haver uma codificação inter-júris, de modo a eliminar possíveis fatores subjetivos os quais, certamente, marcaram o processo de codificação, e sequente interpretação, dos relatos transcritos.

4.2. Implicações Futuras

O presente estudo procura, assim, abordar a temática da adoção, acerca da qual são poucos os estudos levados a cabo do ponto de vista dos adotantes, procurando apontar direções e desbravar caminhos, no que diz respeito ao desenvolvimento de futuros estudos dentro desta temática, essenciais para a delimitação de diretrizes orientadoras para profissionais envolvidos no processo de seleção de candidatos à adoção, bem como profissionais que acompanhem famílias adotivas, tanto antes e durante o processo de adoção, como em situações de pós-adoção.

Propõem-se, assim, a condução de outros estudos, capazes de colmatar os limites apresentados anteriormente, com metodologias mistas, transversais e, sobretudo, longitudinais.

Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. (1969). Object relations, dependency, and attachment: A theoretical review of the infant-mother relationship. *Child Development*, 40(4), 969 – 1025.
- Belsky, J. (1984). The Determinants of Parenting: A Process Model. *Child Development*, 55 (1), pp. 83-96. Blackwell Publishing
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas. In: *Investigação qualitativa em educação*. Portugal: Porto Editora, 15-80.
- Bohanek, J. G., Marin, K. A., Fivush, R. & Duke, M. (2006). Family Narrative Interaction and Children's Sense of Self. *Family Process*, 45, 39-54.
- Bonvehí, C., Forns, M., & Freixa, M. (1996). Estudio del clima familiar de los futuros padres adoptivos mediante la escala de Moos y Moos. *Anuario de Psicología*, 71(4), 51-62.
- Boss, P. G. (2002). *Family Stress management: A Contextual Approach*. Thousand Oaks, California: Sage.
- Brodzinsky, D., & Huffman, L. (1988). Transition to adoptive parenthood. *Marriage and Family Review*, 12, 267-286.
- Brodzinsky, D., Lang, R., & Smith, D. (1995). Parenting adopted children. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Status and social conditions of parenting*, 3, 209-232. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Brodzinsky, D., & Pinderhughes, E. (2002). Parenting and child development in adoptive families. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Children and parenting*, 1, 279-311. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Brodzinsky, D., Smith, D., & Brodzinsky, A. (1998). *Children's adjustment to adoption: Developmental and clinical issues*. London: Sage Publications.

- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development – Experiments by nature and design*. Massachusetts: Harvard University Press.
- Cecconello, A. M., De Antoni, C., & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45-54.
- Cezar-Ferreira, V. (2004). A pesquisa qualitativa como meio de produção de conhecimento em psicologia clínica, quanto a problemas que atingem a família. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6 (1), 81-95.
- Child Welfare Information Gateway. (2010) *Impact of Adoption on Adoptive Parents*, acessado através de www.childwelfare.gov/pubs/factsheets/impact_parent
- Daly, K. J. (2007). *Qualitative methods for family studies and human development*. Thousand Oaks, California: Sage.
- Denzin, K., & Lincoln, S. (Eds.). (2005). *The SAGE handbook of qualitative research* (3rd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Evans, J. (2007). *Your psychology project: The essential guide*. London: Sage.
- Glaser, B. & Strauss, A. (1967). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. Aldine Transaction. New Brunswick (U.S.A.) and London (U.K.)
- Gonçalves, M. M. & Gonçalves, O. F. (2001). *Psicoterapia, discurso e narrativa: A construção conversacional da mudança*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Haugaard, J., Palmer, M. & Wojslawowicz, J. (1999). Single-Parent Adoptions. *Adoption Quarterly*, 2 (4), 65-74.
- Hermans, H. J. M., Kempen, H. J. G. & van Loon, R. J. P. (1992). The dialogical self: Beyond individualism and rationalism. *American Psychologist*, 47, 23-33.
- Hermans, H. J. M., Rijks, T. I. & Kempen, H. J. G. (1993). Imaginal dialogues in the self: Theory and method. *Journal of Personality*, 61, 207-236.
- Hoghugh, N. & Long, N. (2004). *Handbook of parenting: Theory and research for practice*.

London: Sage.

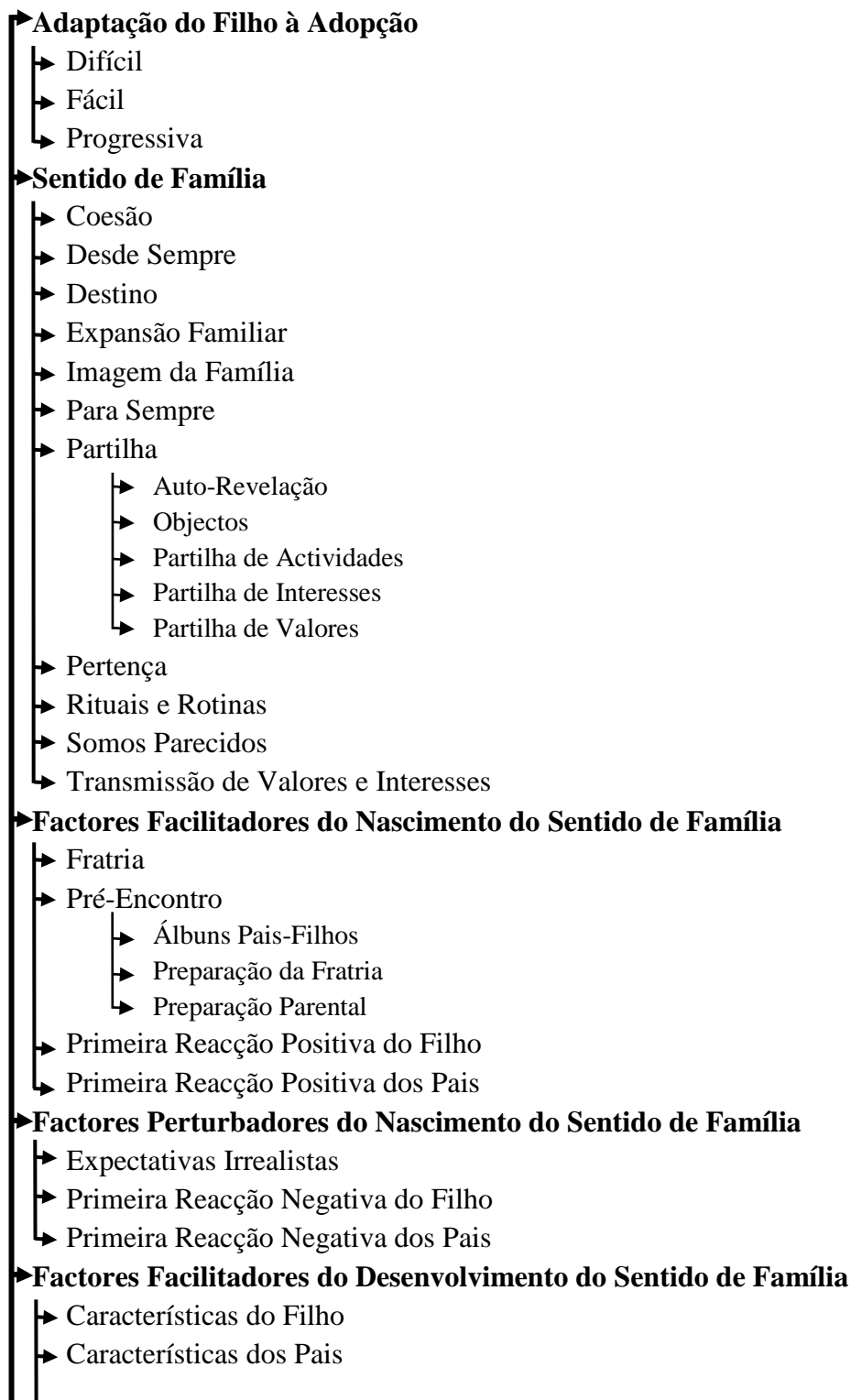
- Hughes, D. (1999). Adopting children with attachment problems. *Child Welfare*, 78, 541-560.
- Jager, E. (2011). Foster care of aids orphans: social workers' perspectives. University of Stellenbosch.
- Keagy, E., & Rall, B. (2007). The Special Needs of Special-Needs Adoptees and their Families. In R. A. Javier, A. Baden, F.A. Biafora, & A. Camacho-Gingerich. *Handbook of Adoption: Implications for Researchers, Practioners and Families*. Thousand Oaks, California: Sage.
- Krusiewick, E., & Wood, J. (2001). "He was our children from the moment we walked in that room": Entrance stories of adoptive parents. *Journal of Social and Personal Relationships*, 18, p.785-803.
- Keller, H., Voelker, S., & Yovsi, R. (2005). Conceptions of parenting in different cultural communities: The case of West African Nso and Northern German women. *Social Development*, 14, 158-180.
- Levy-Shiff, R., Goldshmidt, I., & Har-Even, D. (1991). Transition to parenthood in adoptive families. *Development Psychology*, 27 (1), 131-140.
- McGuinness, T. M., Ryan, R., & Robinson, C. B. (2005). Protective influences of families for children adopted from the former soviet union. *Journal of Nursing Scholarship*, 37(3), 216-221.
- McCubbin, H. & Patterson, J. (1983). The family stress process: The double ABCX model of adjustment and adaptation. In H. I. McCubbin, M. B. Sussman, & J. M. Patterson (Eds.), *Social stress and the family: Advances and developments in family stress theory and research*. New York: Haworth.

- Muñoz, I., Rebollo, M., Fernandez-Molina, M., & Morán, R. (2007). Percepción de las estrategias de socialización parentales en familias adoptivas y no adoptivas. *Psicothema*, 19 (4), 597-602.
- Novak, J. & Cañas, A. (2008). *The theory underlying concept maps and how to construct and use them*. Technical Report IHMC CmapTools 2006-01. Florida Institute for Human and Machine Cognition, 2008.
- Pakizegi, B. (2007). Single-Parent Adoptions and Clinical Implications. In R. Javier, A. Baden, F. Biafora, & A. Camacho-Gingerich (Eds.), *Handbook of Adoption – Implications for Researchers, Practitioners, and Families* (pp.190-216). London: Sage Publications.
- Palacios, J. (2007). Después de la adopción: Necesidades y niveles de apoyo. *Anuario de Psicología*, 38(2), 181-198.
- Palacios, J. (2009). Adoption as intervention, intervention in adoption. *Papeles del Psicólogo*, 30(1), 53-62.
- Palacios, J., & Sánchez-Sandoval, Y. (2006). Stress in parents of adopted children. *International Journal of Behavioral Development*, 30, p.481-487.
- Palacios, J. & Brodzinsky, D. (2010). Adoption research: Trends, topics and outcomes. *International Journal of Behavioral Development*, 34(3), 270-284.
- Pereira, A.I.F. (2007). *Crescer em Relação: Estilos Parentais e Educativos, Apoio Social e Ajustamento*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Pim, J., Ferreira, M., Rodrigues, M & Costa, S. (2006). Novas formas de família: O caso da adoção para quem já tem filhos biológicos. *Revista de Antropología Experimental*, 6, 137-159.
- Rosenthal, J. A. (1993). Outcomes of adoption of children with special needs. *The Future of Children*, 3, 77-88.

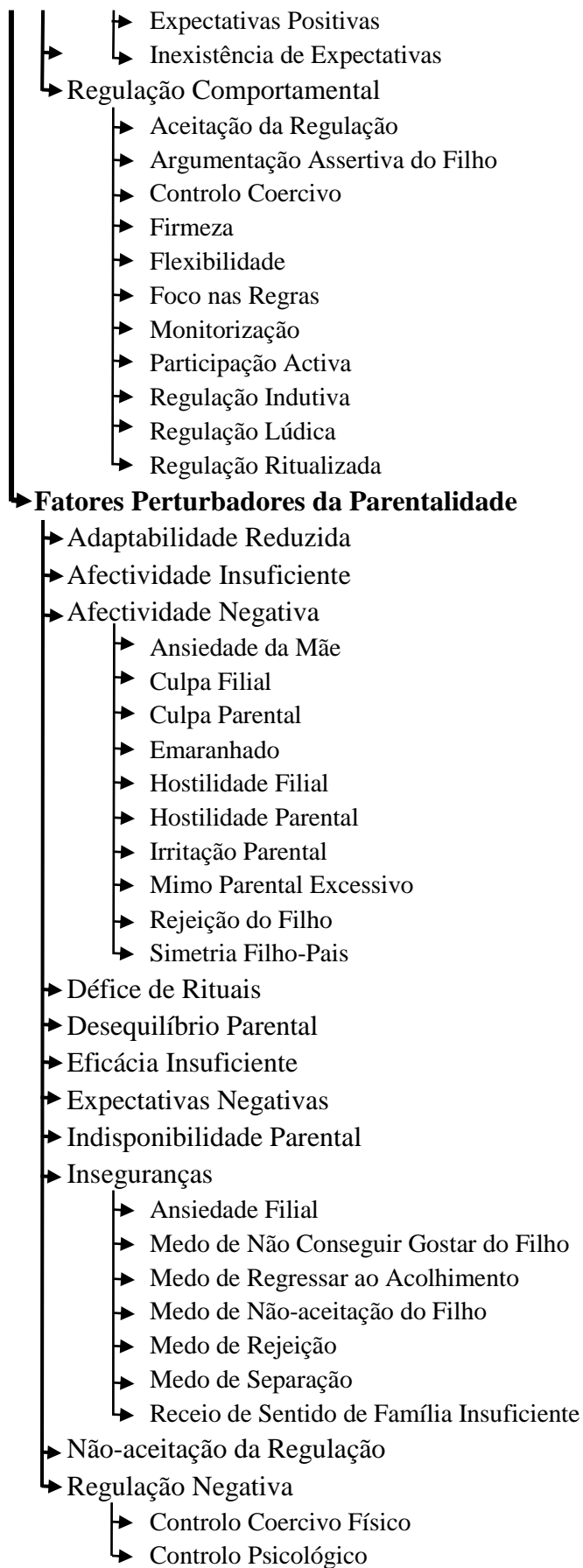
- Salvaterra, M. (2007). *Vinculação e Adopção*. Dissertação de Doutoramento, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Salvaterra, F., Veríssimo M. (2008) A Adopção: o Direito e os Afectos. Caracterização das famílias adoptivas do Distrito de Lisboa. *Análise Psicológica*, 3 (26), 501-517.
- Santona, A., & Zavattini, G. C. (2005). Partnering and parenting expectations in adoptive couples. *Sexual and Relationship Therapy*, 20, 309-322.
- Schettini F., L. (2006) Uma psicologia da adopção. In L. Schettini Filho & S. S. Moeler, *Adopção: os vários lados dessa história*. Bagaço. Brasil, Recife.
- Singer, L., Brodzinsky, D., Ramsay, D., Steir, M., & Waters, E. (1985). Mother-infant attachment in adoptive families. *Child Development*, 56, 1543- 1551.
- Triseliotis, J., Hundleby, J. & Shireman, M. (1997). Adoption, Theory, Policy and Practice. *Children & Society*, 11, 271-274
- UNICEF (1990). *Convenção sobre os Direitos da Criança*. New York: UNICEF. Acedido através de www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf.
- Van Londen, W. M., Juffer, F., & Van IJzendoorn, M. H. (2007). Attachment, cognitive, and motor development in adopted children: Short-term outcomes after international adoption. *Journal of Pediatric Psychology*, 32(10), 1249-1258.

ANEXO 1

Anexo 1. Árvore hierárquica de categorias e categorias-filhas elaborada para tratamento de dados



- Comunicação sobre a Adopção
- Confiança e Segurança Filial
- Escola
- Experiências Prévias
- Idade Precoce da Adopção
- Rede da Família Alargada
- Rede Social
 - Aceitação Social
 - Convívio com Outros Pais Adoptivos
 - Rede de Amigos
 - Rede Comunitária
- **Factores Perturbadores do Desenvolvimento do Sentido de Família**
 - Características do Filho
 - Comparações Negativas com a Fratria
 - Comparação Social
 - Desilusão das Expectativas
 - Escola
 - Família de Origem
 - História de Vida do Filho
 - Negatividade da Comunicação
- **Fatores Facilitadores da Parentalidade**
 - Adaptabilidade
 - Afectividade
 - Afectividade Pais-Filhos
 - Centralidade da Mãe
 - Centralidade do Pai
 - Cumplicidade
 - Empatia
 - Orgulho parental
 - Reafirmação parental
 - Autocrítica
 - Consonância Educativa
 - Cuidar
 - Atenção Parental
 - Disponibilidade Parental
 - Estimulação
 - Foco na Parentalidade
 - Preocupação Parental
 - Promoção da Autonomia
 - Responsabilidade Parental
 - Transmissão de Valores
 - Eficácia Parental
 - Expectativas
 - Convergência de Expectativas
 - Expectativas Superadas
 - Expectativas Negativas não Verificadas



ANEXO 2

Tabela síntese comparativa entre famílias Casais e Singulares, com Fratrias Adoptivas, Fratrias Mistas e Filhos Únicos

Questões	Factores	Grupos				
		Casais	Singulares	F. Adoptiva	F. Mista	Filho Único
Sentido de Família	Pertença	+	+	+	+	+
	Partilha	+-	+	-	-	+
	Rituais e Rotinas	+	+	+	+	+-
	Coesão	+-	+	+	-	+
	Imagem da Família	+-	+	+	+	+-
	Expansão Familiar	+-	+-	+	-	+-
	Expansão no Tempo	+-	+-	-	-	+-
Facilitadores do Nascimento do Sentido de Família	Preparação Pré-Encontro	+-	-	-	+-	+-
	1ª Reação Pos. do Filho	+-	+	+	+-	+
	1ª Reação Pos. dos pais	+-	+	-	-	+-
	Fratria			-	+	
Facilitadores do Desenvolvimento do Sentido de Família	Características dos Filhos	+-	+-	-	-	+-
	Comunicação sobre a Adopção	+	+	+	+	+
	Família Alargada	+	+	+	+	+
	Rede Social	+	+	+	+	+
Facilitadores da Parentalidade	Afectividade	+	+	+	+	+
	Cuidar	+	+	+	+	+
	Regulação Comportamental	+	+	+	+	+
	Consonância Educativa	+	-	+	+	+-
	Expectativas	+	-	+	+	+-
	Adaptabilidade	+-	+	+	+	+-
	Eficácia	+-	+	+	+	+-
	Autocrítica	+-	+-	+	-	+-
Perturbadores do Nascimento do Sentido de Família	1ª Reação Neg. do Filho	+-	+-	-	-	-
	1ª Reação Neg. dos Pais	+-	+-	-	-	-
Perturbadores do Desenvolvimento do Sentido de Família	História de Vida Anterior	+-	+-	+	+-	+-
	Negatividade da Comunicação	+-	+-	+	+-	+-
	Comparação Negativa entre Fratrias			+-	+	
Perturbadores da Parentalidade	Afectividade Negativa	+-	+-	+	+-	+-
	Regulação Negativa	+-	+	+	+	+-
	Não-aceitação da Regulação	+-	-	+	+-	-
	Inseguranças	+-	+-	-	+	+-

+ Total dos pais do grupo

+- Mais de metade dos pais do grupo

- Metade ou menos dos pais do grupo